

# *Histórias de Novos Muçulmanos*

قصص المسلمين الجدد

باللغة البرتغالية

(IslamReligion.com)

---

# Índices

<i>Personalidades</i>	3
Cat Stevens, ex-Pop star, Reino Unido	3
Jermaine Jackson, EUA	11
Malcolm X, EUA	20
<i>Sacerdotes e Figuras Religiosas</i>	33
Abdullah ibn Salam, rabino, Medina	33
Idris Tawfiq, Padre Católico, Reino Unido	33
<i>Homens</i>	44
Craig Robertson, Ex-Católico, Canadá	44
Bruce Paterson, ex-cristão, Reino Unido	54
Dr. Ali Selman Benoist, Ex-Católico, França	57
<i>Mulheres</i>	60
Diane Charles Breslin, Ex-Católica, EUA	60
Natassia M. Kelly, Ex-Cristã, EUA	70
Angel, ex-cristã, EUA	77
Aminah Assilmi, ex-cristã, EUA	81
Akifah Baxter, Ex-Cristã, EUA	94

## Personalidades

# Cat Stevens, ex-Pop star, Reino Unido

*T*

Tudo que eu tenho a dizer é tudo que vocês já sabem, para confirmar o que vocês já sabem, a mensagem do Profeta [que Deus o exalte] como concedida por Deus – a Religião da Verdade. Como seres humanos nós recebemos uma consciência e um dever que nos coloca no topo da criação... É importante entender a obrigação para nos livrarmos de todas as ilusões e fazer de nossas vidas uma preparação para a próxima vida. Qualquer um que perde essa chance não terá outra, e não será trazido de novo e de novo, porque é dito no Glorioso Alcorão que quando um homem for prestar contas, ele dirá, “Ó Senhor, nos envie de volta e nos dê uma outra chance. O Senhor dirá, ‘Se eu o enviar de volta você fará o mesmo.’”

### ***Minha Educação Religiosa***

Eu fui educado no mundo moderno e luxuoso do show business. Eu nasci em um lar cristão, mas nós sabemos que toda criança nasce em sua natureza original – são seus pais que a levam para essa ou aquela religião. Eu recebi esta religião (Cristianismo) e

pensava dessa forma. Eu fui ensinado que Deus existe, mas não havia contato direto com Deus, de modo que nós tínhamos que fazer o contato com Ele através de Jesus – ele era de fato a porta para Deus. Isso era mais ou menos aceito por mim, mas eu não engolia completamente.

Eu vi algumas estátuas de Jesus; elas eram apenas pedras sem vida. E quando eles diziam que Deus é três, eu ficava ainda mais confuso mas não podia argumentar. Eu acreditava parcialmente nisso, porque eu tinha que respeitar a fé dos meus pais.

## ***Pop Star***

Gradualmente eu me alienei dessa educação religiosa. Eu comecei a fazer música. Eu queria ser uma grande estrela. Todas aquelas coisas que eu via nos filmes e na mídia tomaram conta de mim e, talvez, eu tenha pensado que o objetivo de ganhar dinheiro fosse o meu Deus. Eu tinha um tio que tinha um bonito carro. “Bem, eu disse, “ele conseguiu. Ele tem muito dinheiro.” As pessoas ao meu redor me influenciaram a pensar que isso era tudo; este mundo era seu Deus.

Eu então decidi que essa era a vida para mim; ganhar muito dinheiro, ter uma ‘grande vida.’ Os meus exemplos eram os pop stars. Eu comecei a fazer canções, mas no fundo eu tinha um sentimento por humanidade, um sentimento de que se eu ficasse rico eu ajudaria os necessitados. (É dito no Alcorão que nós fazemos uma promessa, mas quando conseguimos algo nós nos apegamos e nos tornamos gananciosos).

O que aconteceu foi que eu fiquei muito famoso. Eu ainda era um adolescente e meu nome e foto foram espalhados em toda a mídia. Eles me fizeram maior que a vida, e eu queria viver mais que a vida, e o único caminho de fazer isso era me drogando (com bebidas e drogas).

## **No Hospital**

Após um ano de sucesso financeiro e vida ‘alta’, eu fiquei muito doente, contraí tuberculose e tive que ser hospitalizado. Foi então que eu comecei a pensar: o que aconteceu comigo? Eu era apenas um corpo, e meu objetivo na vida era meramente satisfazer este corpo? Eu percebi que esta calamidade foi uma bênção que Deus me concedeu, uma chance de abrir os meus olhos – “Por que eu estou aqui? Por que eu estou na cama?” - e comecei a procurar por algumas das respostas. Naquela época havia um grande interesse no misticismo oriental. Eu comecei a ler, e a primeira coisa que me chamou a atenção foi a morte, e que a alma continua; não pára. Eu senti que estava no caminho para a bênção e realização. Eu comecei a meditar e até me tornei vegetariano. Eu acreditava no ‘poder da paz e da flor’, e essa era a tendência geral. Mas o que eu acreditava em particular era que eu não era apenas um corpo. Essa consciência veio a mim no hospital.

Um dia quando eu estava caminhando, eu fui pego pela chuva, e comecei a correr para um abrigo e então eu percebi, ‘Espere um minuto, o meu corpo está se molhando, o meu corpo está me dizendo que eu estou me molhando.’ Isso me fez pensar em um ditado que diz que o corpo é como um jumento, e ele tem que ser

# *Histórias de Novos Muçulmanos*

---

treinado para onde ir. De outra forma, o jumento o levará onde ele quer ir.

Então eu percebi que tinha uma vontade, um dom concedido por Deus: seguir a vontade de Deus. Eu estava fascinado pela nova terminologia que estava aprendendo na religião oriental. Por essa época, eu não agüentava mais o Cristianismo. Eu comecei a fazer música novamente, e dessa vez eu comecei a refletir meus próprios pensamentos. Eu lembro da letra de uma de minhas canções. É assim: “Eu queria saber, eu queria saber o que faz o Paraíso, o que faz o Inferno. Eu Te conheço em minha cama ou alguma pequena célula enquanto outros chegam ao grande hotel?” e eu sabia que estava no Caminho.

Eu também escrevi outra canção, “The Way to Find God Out” (*O Caminho para Descobrir Deus*). Eu me tornei ainda mais famoso no mundo da música. Eu realmente estava passando por tempos difíceis porque eu estava ficando rico e famoso e, ao mesmo tempo, eu estava sinceramente buscando a Verdade.

Então eu cheguei a um estágio onde eu decidi que o Budismo era elevado e nobre, mas eu não estava pronto para deixar o mundo. Eu estava muito apegado ao mundo e não estava preparado para me tornar um monge e me isolar da sociedade.

Eu tentei Zen e Ching, numerologia, cartas de tarô e astrologia. Eu tentei procurar novamente na Bíblia e não pude encontrar nada. Nesse momento eu não sabia nada sobre o Islã e, então, o que eu considero um milagre aconteceu. Meu irmão tinha visitado uma mesquita em Jerusalém e ficou muito impressionado de, por um lado, ela estar cheia de vida (ao contrário das igrejas e

sinagogas que estavam vazias) e, por outro lado, prevalecer uma atmosfera de paz e tranqüilidade.

## **O Alcorão**

Quando ele veio a Londres, ele trouxe uma tradução do Alcorão, que me deu. Ele não se tornou muçulmano, mas sentiu algo nesta religião, e pensou que eu pudesse encontrar algo nela também.

Quando eu recebi o livro, uma orientação que explicava tudo para mim – quem eu era; qual era o propósito da vida; qual era a realidade e qual seria a realidade; e de onde eu vim – eu percebi que esta era a religião verdadeira; religião não no sentido como o Ocidente entende, não o tipo para quando você ficar velho. No Ocidente, quem quer que deseje abraçar uma religião e fazer dela seu único modo de vida é considerado um fanático. Eu não era um fanático; eu inicialmente estava confuso entre o corpo e a alma. Então eu percebi que o corpo e a alma não estão separados e você não tem que ir para a montanha para ser religioso. Nós devemos seguir a vontade de Deus. Então nós podemos nos elevar mais que os anjos. A primeira coisa que eu queria fazer era ser um muçulmano.

Eu percebi que tudo pertence a Deus, que o sono não O domina. Ele criou tudo. Nesse ponto eu comecei a perder o meu orgulho, porque até então eu achava que a razão de eu estar aqui era por causa de minha própria grandeza. Mas eu percebi que eu não criei a mim mesmo, e que todo o propósito do meu ser aqui era se submeter aos ensinamentos que foram aperfeiçoados pela religião que conhecemos como Islã. Nesse ponto eu comecei a descobrir a

# *Histórias de Novos Muçulmanos*

---

minha fé. Eu senti que era um muçulmano. Ao ler o Alcorão, eu percebia que todos os Profetas enviados por Deus trouxeram a mesma mensagem. Por que então os judeus e cristãos eram diferentes? Eu sei agora como os judeus não aceitaram Jesus como o Messias, e que eles mudaram a Palavra de Deus. Até mesmo os cristãos não compreenderam a Palavra de Deus e chamaram Jesus de filho de Deus. Tudo fazia muito sentido. Esta é a beleza do Alcorão; ele pede a você para refletir e usar a razão, e não para adorar o sol ou a lua, mas Aquele que criou tudo. O Alcorão pede ao homem que reflita sobre o sol e a lua e a criação de Deus em geral. Você percebe o quanto o sol é diferente da lua? Eles estão a distâncias diferentes da terra, e ainda assim parecem do mesmo tamanho para nós; às vezes, parece que um se sobrepõe ao outro.

Quando muitos dos astronautas vão para o espaço, eles vêem o tamanho insignificante da terra e a vastidão do espaço. Eles se tornam muito religiosos, porque eles vêem os Sinais de Deus.

Quando eu prossegui na leitura do Alcorão, vi ele falava sobre oração, gentileza e caridade. Eu não era um muçulmano ainda, mas eu sentia que a única resposta para mim era o Alcorão, e que Deus o tinha enviado para mim, mas eu mantive isso em segredo. Mas o Alcorão também fala em níveis diferentes. Eu comecei a compreendê-lo em outro nível, onde o Alcorão diz, “Aqueles que crêem não adotam os descrentes como amigos e os crentes são irmãos.” Neste ponto eu quis encontrar meus irmãos muçulmanos.

## **Conversão**

Então eu decidi fazer uma viagem para Jerusalém (como meu irmão havia feito). Em Jerusalém eu fui à mesquita e sentei. Um homem me perguntou o que eu queria. Eu disse a ele que eu era um muçulmano. Ele perguntou qual era o meu nome. Eu disse a ele, “Stevens.” Ele estava confuso. Eu então me juntei à oração, embora não de forma bem-sucedida. De volta a Londres, eu encontrei uma irmã chamada Nafisa. Eu disse a ela que queria abraçar o Islã e ela me orientou a ir à mesquita New Regent. Isso foi em 1977, aproximadamente um ano e meio depois de eu ter recebido o Alcorão. Eu percebi que eu tinha que me livrar do meu orgulho, de Satanás, e me voltar para uma direção. Então numa sexta-feira, após o serviço da oração congregacional, eu me dirigi ao Imame e declarei a minha fé (a Shahadah). Você tem diante de si alguém que alcançou fama e fortuna. Mas a orientação foi algo que me fugia à compreensão, não importa o quanto eu tentasse, até que me foi mostrado o Alcorão. Eu percebi que eu podia ter contato direto com Deus, ao contrário de no Cristianismo ou qualquer outra religião. Como uma senhora hindu me disse, “Você não entende os hindus. Nós acreditamos em um Deus; nós usamos esses objetos (ídolos) simplesmente para nos concentrarmos.” O que ela estava dizendo é que de modo a alcançar Deus, alguém tem que criar associados, que são ídolos para o propósito. Mas o Islã remove todas essas barreiras. A única coisa que separa os crentes dos descrentes é o salat (oração). Esse é o processo de purificação.

Por fim, eu queria dizer que tudo que eu faço é para a satisfazer a Deus e eu oro a Deus que você obtenha alguma inspiração a partir

# *Histórias de Novos Muçulmanos*

---

das minhas experiências. Além disso, eu gostaria de enfatizar que eu não entrei em contato com qualquer muçulmano antes de abraçar o Islã. Eu li o Alcorão primeiro e percebi que nenhuma pessoa é perfeita. O Islã é perfeito, e se nós imitarmos a conduta do Profeta nós seremos bem-sucedidos.

Que Deus nós dê orientação para seguir o caminho da nação de Muhammad, que Deus o exalte. Amém!

# Jermaine Jackson, EUA

## *Quando e Como você começou sua jornada na direção do Islã?*

Foi em 1989 quando eu, junto com minha irmã, fizemos um tour por alguns países do Oriente Médio. Durante nossa estada em Bahrein nós fomos recebidos calorosamente. Lá eu encontrei algumas crianças e bati um papo com elas. Eu coloquei certas perguntas para eles e elas me fizeram suas perguntas inocentes. Durante o curso dessa interação, elas me perguntaram sobre minha religião. Eu disse a elas, “Eu sou cristão.” Eu perguntei a elas qual era sua religião. Uma onda de serenidade tomou conta delas. Elas responderam em uma única voz: Islã. Eu fiquei abalado interiormente por suas respostas entusiasmadas. Então elas começaram a me falar sobre o Islã e estavam me dando muita informação, considerando suas idades. O tom de suas vozes revelava que elas tinham muito orgulho do Islã. Foi assim que eu comecei a caminhar na direção do Islã.

Uma curta interação com um grupo de crianças no final das contas me levou a ter longas conversas sobre o Islã com eruditos muçulmanos. Uma grande agitação tomou conta do meu pensamento. Eu fiz uma tentativa fracassada para me consolar de que nada tinha acontecido, mas eu não podia mais ocultar de mim mesmo que em meu coração eu tinha me convertido ao Islã. Eu fiz essa revelação primeiro para o amigo da minha família, Qunber Ali. O mesmo Qunber Ali conseguiu me levar a Riyadh,

capital da Arábia Saudita. Até aquele momento, eu não sabia muito sobre o Islã. Dali, na companhia de uma família saudita, eu prossegui para Meca para realizar a “Umrah” [Um tipo de peregrinação menor realizada em Meca]. Lá eu tornei público pela primeira vez que eu tinha me tornado muçulmano.

## **Quais foram os seus sentimentos após proclamar que era muçulmano?**

Ao abraçar o Islã, eu senti como se tivesse nascido de novo. Eu encontrei no Islã as respostas que eu não consegui encontrar no Cristianismo. Particularmente, só o Islã me forneceu resposta satisfatória para a questão relacionada ao nascimento de Cristo. Pela primeira vez eu estava convencido sobre a religião em si. Eu oro para que meus familiares possam apreciar esses fatos. A minha família é seguidora daquele culto do Cristianismo que é conhecido como Testemunha de Jeová. De acordo com seu credo, apenas 144.000 homens finalmente se qualificarão para entrar no paraíso. Como assim? Essa sempre foi uma crença desconcertante para mim. Eu fiquei surpreso em saber que a Bíblia foi compilada por muitos homens, particularmente sobre um volume manuscrito pelo Rei James. Eu me pergunto como um homem compila um diretório e depois o atribui a Deus, mas não cumpre totalmente suas instruções. Durante minha estada na Arábia Saudita eu tive a oportunidade de comprar um cassete do outrora cantor pop britânico e atual pregador muçulmano, Yusuf Islam (ex-Cat Stevens). Eu também aprendi muito através dele.

## **O que aconteceu quando você voltou para os EUA após abraçar o Islã?**

Quando eu retornei aos EUA, a mídia americana orquestrou uma propaganda infame contra o Islã e os muçulmanos. As fofocas sobre mim correram soltas e realmente perturbaram o meu sossego. Hollywood estava totalmente determinada a difamar os muçulmanos. Eles estavam sendo retratados como terroristas. Há muitas coisas sobre as quais há consenso entre o Cristianismo e o Islã, e o Alcorão apresenta Cristo como um Profeta virtuoso. Então, eu me pergunto, como a América cristã faz alegações infundadas contra os muçulmanos?

Isso me deixou triste. Eu tomei a decisão de que eu faria o melhor para dissipar a imagem errônea dos muçulmanos, retratada pela mídia americana. Eu não tinha a menor idéia de que a mídia americana não digeriria a notícia de minha aceitação do Islã e faria tamanho alvoroço. Era completamente contra todas as alegações amplamente divulgadas sobre liberdade de expressão e liberdade de consciência. A hipocrisia da sociedade americana ficou bem clara para mim. O Islã me desenredou muitas complicações. De fato, eu passei a pensar em mim mesmo como um ser humano completo, no sentido literal da palavra. Após me tornar muçulmano, eu senti uma enorme mudança em mim. Eu descartei tudo que era proibido no Islã. Isso tornou as coisas difíceis para a minha família também. Em resumo, a família Jackson veio abaixo completamente. Surgiram cartas ameaçadoras, que intensificaram ainda mais as preocupações de minha família.

## **Que tipo de ameaças?**

Bem, elas me diziam que eu tinha alimentado a animosidade da sociedade e cultura americanas, e que ao entrar no Islã eu tinha me privado do direito de conviver com os outros. NÓS faremos a vida se tornar insuportável para você na América, e assim por diante. Mas eu confesso que minha família é liberal. Nós temos tido consideração por todas as religiões. Nossa pais nos ensinaram dessa forma. Portanto, eu posso dizer que a família Jackson desfruta de relações amigáveis com pessoas de quase todas as religiões. É como resultado daquele treinamento que eu tenho sido tolerado por eles até agora.

## **Qual foi a reação de seu irmão Michael Jackson?**

No caminho de volta para a América, eu trouxe vários livros da Arábia Saudita. Michael Jackson me pediu alguns desses livros para estudar. Antes disso sua opinião era influenciada pela propaganda da mídia americana contra o Islã e os muçulmanos. Ele não era hostil ao Islã, mas também não tinha uma disposição favorável em relação aos muçulmanos. Mas depois de ler esses livros, ele ficava quieto e não dizia nada contra os muçulmanos. Eu acho que talvez o impacto do estudo do Islã o tenha feito desviar seus interesses de negócios na direção de negociantes muçulmanos. Agora ele tem participação em pé de igualdade com o príncipe bilionário saudita Waleed bin Talal em sua empresa multinacional.

**Foi dito antes que Michael Jackson era contra os muçulmanos, então houve rumores de que ele tinha se tornado muçulmano. Qual é a verdadeira história?**

Eu testemunho o fato de que, até onde eu saiba, Michael Jackson nunca disse nada depreciativo contra os muçulmanos. Suas canções, também, dão uma mensagem de amor pelos outros. Nós aprendemos de nossos pais a amar os outros. Apenas aqueles que têm interesse pessoal fazem alegações contra ele. Se pôde haver um horrível alvoroço contra mim quando eu me tornei muçulmano, por que não pode acontecer o mesmo com Michael Jackson? Mas, até agora, a mídia não o submeteu a críticas severas, embora ele seja ameaçado por estar de alguma forma mais próximo do Islã. Mas quem sabe o que poderia acontecer se Michael Jackson abraçasse o Islã?

**Quais são as opiniões dos seus outros familiares a seu respeito?**

Quando eu voltei para a América meu irmão já tinha ouvido a notícia de minha conversão ao Islã. Minha mãe é uma mulher religiosa e civilizada. Quando eu cheguei em casa ela me fez apenas uma pergunta, “você tomou essa decisão de forma repentina ou é o resultado de um questionamento longo e profundo?” “Eu decidi após pensar muito a respeito,” eu respondi. Permita-me dizer que nós somos conhecidos como uma família religiosa. O que quer que possuamos, é devido às bênçãos de Deus. Então por que não devemos ser gratos a Ele? É por isso que participamos de forma ativa em instituições de caridade. Nós despachamos medicamentos para países africanos pobres através

de avião especial. Durante a guerra da Bósnia, nosso avião estava envolvido no suprimento de auxílio aos afetados. Somos sensíveis a essas coisas porque testemunhamos a mais profunda pobreza. Costumávamos morar em uma casa que tinha uns poucos metros quadrados.

## **Você alguma vez discutiu sobre o Islã com sua irmã Janet Jackson?**

Como outros membros de minha família, a minha conversão repentina ao Islã foi uma grande surpresa para ela. No começo, ela estava preocupada. Ela tinha em sua mente apenas que os muçulmanos são poligâmicos, que eles têm até quatro esposas. Quando eu expliquei essa permissão concedida pelo Islã com referência ao estado atual da sociedade americana, ela ficou satisfeita. É fato que a promiscuidade e a infidelidade são muito comuns na sociedade ocidental. Apesar do fato de serem casados, os homens ocidentais se envolvem em relações extra-conjugais com diversas mulheres. Isso tem causado uma decadência moral devastadora naquela sociedade. O Islã protege a estrutura social dessa destruição.

De acordo com os ensinamentos islâmicos, se um homem é emocionalmente atraído por uma mulher, ele deve dar a essa relação um formato legal e honrado ou então se contentar com apenas uma esposa. Por outro lado, o Islã determinou muitas condições para o segundo casamento, de modo que eu não acho que um muçulmano comum possa atender a essas condições do ponto de vista financeiro. Em torno de 1% dos muçulmanos no mundo islâmico têm mais de uma esposa. Na minha opinião, as

mulheres na sociedade islâmica são como uma flor bem protegida que está segura dos olhares penetrantes dos observadores. Enquanto a sociedade ocidental está destituída de visão para apreciar essa sabedoria e filosofia.

## **Quais são os seus sentimentos espontâneos quando você olha para uma sociedade muçulmana?**

Para o interesse maior da humanidade, a sociedade islâmica oferece o lugar mais seguro nesse planeta. Veja o exemplo das mulheres. As mulheres americanas se vestem de uma maneira que tenta os homens ao assédio. Mas isso é impensável em uma sociedade islâmica. Além disso, pecados e vícios correntes têm desfigurado a estrutura moral da sociedade ocidental. Eu acredito que se existe algum lugar onde a humanidade ainda é visível, não pode ser nenhum outro que uma sociedade islâmica. Chegará um tempo em que o mundo será obrigado a aceitar essa realidade.

## **Qual é a sua opinião sobre a mídia americana?**

A mídia americana está sofrendo de contradições. Veja o exemplo de Hollywood. O status de um artista é medido tendo em vista o modelo de seu carro, o padrão do restaurante que ele visita, etc. É a mídia que leva alguém do pó aos céus. Eles não consideram o artista como um ser humano. Mas eu encontrei muitos artistas no Oriente Médio. Eles não têm arrogância.

Veja a CNN e o quanto eles exageram sobre algumas notícias, a ponto de parecer que nada mais aconteceu. As notícias do incêndio nas florestas da Flórida receberam uma ampla cobertura,

dando a impressão de que o mundo todo estava em chamas. De fato, uma pequena área foi afetada por aquele incêndio.

Eu estava na África quando uma explosão ocorreu em Oklahoma City. A mídia, sem qualquer prova, começou a mencionar o envolvimento de muçulmanos naquela explosão. Depois descobriu-se que o sabotador era um CRISTÃO!!! Nós podemos chamar essa atitude da mídia americana de ignorância deliberada.

**Você consegue manter um elo entre sua personalidade islâmica e a cultura de sua família?**

Por que não? Esse elo pode ser mantido para o empreendimento de boas coisas.

**Após se tornar muçulmano você encontrou Muhammad Ali?**

Muhammad Ali é amigo de nossa família. Eu o encontrei diversas vezes, após abraçar o Islã. Ele tem fornecido orientação muito útil sobre o Islã.

**Você visitou a mesquita Shah Faisal em Los Angeles?**

Sim, claro! É uma bela mesquita. Eu estou interessado em construir uma mesquita semelhante na área de Falise porque não existem mesquitas nessa área e a comunidade muçulmana não tem recursos suficientes para comprar uma terra para uma mesquita naquela área abastada. Se Deus quiser, eu o farei.

## **Quem é ignorante dos serviços da Arábia Saudita para a causa gloriosa do Islã?**

Sem dúvida ela tem financiado livremente os projetos para mesquitas. Mas essa mídia americana não poupa nem mesmo a Arábia Saudita; ela propaga notícias muito estranhas sobre esse país. Quando eu visitei a Arábia Saudita pela primeira vez eu tinha a impressão de que só encontraria habitações de barro e uma rede de comunicações muito pobre. Mas quando eu cheguei lá, para minha grande surpresa, eu encontrei o país mais belo do mundo culturalmente falando.

## **Quem tem influenciado você, no que diz respeito ao Islã?**

Muitas pessoas tem me impressionado. Mas o fato é que me volto primeiro para o Alcorão Sagrado e não corro o risco de ser desviado do caminho. Entretanto, existem muitos eruditos islâmicos de quem se pode ter orgulho. Se Deus quiser, eu planejo ir à Arábia Saudita com minha família para fazer Umrah.

## **Sua esposa e filhos são muçulmanos também?**

Eu tenho sete filhos e duas filhas que, como eu, são totalmente voltados para o Islã. A minha esposa continua estudando o Islã. Ela insiste em ir à Arábia Saudita. Eu confio que, Insh'Allah [se Deus quiser], ela em breve entrará no Islã. Que Deus Todo-Poderoso nos dê coragem e perseverança para permanecer em sua verdadeira religião, o Islã. (Amin)

# Malcolm X, EUA

“Sou e sempre serei um muçulmano. Minha religião é o Islã.”

-Malcolm X

## ***Infância***

Malcom X nasceu Malcom Little em 19 de maio de 1925 em Omaha, Nebraska. Sua mãe, Louis Norton Little, era uma dona-de-casa ocupada com os oito filhos da família. Seu pai, Earl Little, era um ministro batista sincero e partidário ávido do líder nacionalista negro Marcus Garvey. O ativismo de Earl nos direitos civis desencadeou ameaças de morte da organização supremacista branca Legião Negra, forçando a família a se mudar duas vezes antes do quarto aniversário de Malcom. Independentemente dos esforços de Little para escapar da Legião, em 1929 sua casa em Lansing, Michigan, foi totalmente queimada, e dois anos depois o corpo mutilado de Earl foi encontrado nos trilhos do bonde da cidade, quando Malcom tinha apenas seis anos. Louise teve um colapso nervoso vários anos depois da morte de seu marido, e foi internada em uma instituição para doentes mentais. Seus filhos foram divididos entre vários lares adotivos e orfanatos.

Malcom era um aluno esperto e focado e graduou-se no ensino fundamental como o primeiro de sua classe. Entretanto, quando um professor favorito disse a Malcom que seu sonho de tornar-se advogado não era um objetivo realista para um negro, Malcom

perdeu interesse na escola e a abandonou com a idade de quinze anos. Aprendendo nas ruas, Malcom familiarizou-se com criminosos, ladrões, traficantes de drogas e cafetões. Condenado por roubo aos vinte anos permaneceu na prisão até a idade de vinte e sete anos. Durante sua prisão ele tentou instruir-se. Além disso, durante seu período na prisão, conheceu e uniu-se à Nação do Islã, estudando em detalhes os ensinamentos de Elijah Muhammad. Foi libertado, um homem mudado, em 1952.

## **A ‘Nação do Islã’**

Ao ser libertado Malcom foi para Detroit e uniu-se às atividades diárias da seita, recebendo instruções do próprio Elijah Muhammad. O comprometimento pessoal de Malcom ajudou a construir a organização a nível nacional, enquanto fez dele uma figura internacional. Foi entrevistado em programas de televisão e revistas de destaque, e deu palestras em todo o país em várias universidades e outros fóruns. Seu poder estava em suas palavras, que descreviam vividamente o sofrimento dos negros e incriminava os brancos de forma veemente. Quando uma pessoa branca referiu-se ao fato de que algumas universidades do sul tinham matriculado calouros negros sem precisar de baionetas, Malcom reagiu com escárnio:

Quando eu não respondi, o anfitrião do programa mordeu a isca: Ahhh! De fato, Sr. Malcom X – você não pode negar que isso é um avanço para sua raça!

Aproveitei a brecha, então. Não posso dar as costas sem ouvir sobre algum ‘avanço nos direitos civis’! Os brancos parecem

pensar que os negros devem gritar 'aleluia'! Por quatrocentos anos o branco manteve sua longa faca no pescoço do negro – e agora o branco começa a afastar a faca, talvez alguns centímetros! O negro deve ser grato? Por que, se o branco empurrou a faca e a cicatriz vai permanecer?!

Embora as palavras de Malcom alfinetassem as injustiças contra negros na América, as opiniões igualmente racistas da Nação do Islã o impediam de aceitar que alguns brancos fossem sinceros ou capazes de ajudar na situação. Por doze anos ele pregou que o homem branco era o demônio e que o Honorável Elijah Muhammad era mensageiro de Deus. Infelizmente, muitas imagens de Malcom hoje focam nesse período de sua vida, embora a transformação pela qual ele passou tenha transmitido uma mensagem completamente diferente e mais importante para o povo americano.

## ***A Mudança para o Verdadeiro Islã***

Em 12 de março de 1964, impelido pela inveja dentro da Nação do Islã e por revelações de imoralidade sexual por parte de Elijah Muhammad, Malcom deixou a Nação do Islã com a intenção de começar sua própria organização:

Sinto-me como um homem que de alguma forma esteve dormindo e sob o controle de outra pessoa. Sinto que o que estou pensando e dizendo agora é por mim mesmo. Antes, era por e pela orientação de outro, agora penso com minha própria mente.

Malcom estava com trinta e oito anos quando deixou a Nação do Islã de Elijah Muhammad. Refletindo sobre o que ocorreu antes de sua saída, ele disse:

Em uma ou outra faculdade ou universidade, geralmente em encontros informais após eu ter feito minha palestra, por volta de uma dúzia de pessoas brancas de boa complexão vinha falar comigo, se identificando como muçulmanos árabes, do Oriente Médio ou do norte da África que estavam visitando, estudando ou morando nos Estados Unidos. Eles me diziam que a despeito de minhas declarações acusando os brancos, sentiam que eu era sincero em me considerar um muçulmano – e que sentiam que se eu fosse exposto ao que chamavam de Islã verdadeiro, eu o entenderia e o abraçaria. Automaticamente, como seguidor de Elijah, eu me refreava toda vez que isso era dito. Mas na privacidade de meus pensamentos, depois de várias experiências como essa, me questionei: se alguém é sincero ao professar uma religião, por que se recusaria a ampliar seu conhecimento daquela religião?

Aqueles muçulmanos ortodoxos que encontrei, um após outro, me incentivaram a encontrar e conversar com um Dr. Mahmoud Youssef Shawarbi. . . . Então um dia Dr. Shawarbi e eu fomos apresentados por um jornalista. Ele foi cordial. Disse que tinha me acompanhado pela imprensa; eu disse que tinham me falado dele, e conversamos por quinze ou vinte minutos. Ambos tínhamos que sair para compromissos, quando ele me disse algo cuja lógica nunca sairia de minha cabeça. Ele disse que nenhum homem acredita de forma perfeita até que deseje para seu irmão o

que deseja para si próprio (um dito do Profeta Muhammad, que Deus o louve).

## **O Efeito da Peregrinação**

Malcom prossegue sobre o Hajj:

A peregrinação à Meca, conhecida como Hajj, é uma obrigação religiosa que todo muçulmano ortodoxo cumpre, se tiver capacidade, pelo menos uma vez em sua vida.

O Alcorão Sagrado diz:

“...A peregrinação à Casa é um dever para com Deus, por parte de todos os seres humanos, que estão em condições de empreendê-la;...” (Alcorão 3:97)

“Deus disse: ‘E proclama a peregrinação às pessoas; elas virão a ti a pé, e montando toda espécie de camelos, de todo longínquo lugar.’” (Alcorão 22:27)

Todos os milhares no aeroporto, prontos para partir para Jedá, estavam vestidos da mesma forma. Você podia ser um rei ou um camponês, e ninguém saberia. Algumas personalidades poderosas, que foram discretamente mostradas a mim, vestiam o mesmo que eu. Vestidos dessa forma, todos começamos a chamar intermitentemente Labbayka! (Allahumma) Labbayka! (Aqui estou, Ó Senhor!). Reunidos no avião estavam pessoas brancas, negras, pardas, vermelhas e amarelas, olhos azuis e cabelos loiros, e minha carapinha vermelha – todos juntos, irmãos! Todos

honrando o mesmo Deus e, por sua vez, todos se honrando mutuamente...

Foi quando pela primeira vez comecei a reavaliar o homem branco. Foi quando pela primeira vez comecei a perceber que o homem branco, como usado comumente, significa complexão física apenas secundariamente; primariamente descreve atitudes e ações. Na América, homem branco significava atitudes e ações específicas em relação ao homem negro, e em relação aos outros homens não-brancos. Mas no mundo muçulmano, eu tinha visto que homens com complexão branca eram mais genuinamente fraternais do que qualquer outro já tinha sido. Aquela manhã foi o começo de uma mudança radical em toda minha perspectiva sobre os homens brancos.

Havia dezenas de milhares de peregrinos, de todo o mundo. Eram de todas as cores, de loiros de olhos azuis a africanos de cor negra. Mas estavam todos participando no mesmo ritual, exibindo um espírito de unidade e fraternidade que minhas experiências na América me levaram a acreditar que jamais poderia existir entre os brancos e os não-brancos... A América precisa compreender o Islã, porque essa é a religião que apaga da sociedade o problema da raça. Através de minhas viagens no mundo muçulmano, encontrei, conversei e até comi com pessoas que na América seriam consideradas brancas - mas a atitude branca foi removida de suas mentes pela religião do Islã. Eu jamais tinha visto fraternidade sincera e verdadeira praticada por todas as cores juntas, independentemente de sua cor.

## **A Nova Visão de Malcom da América**

### **Malcom continua:**

Cada hora aqui na Terra Sagrada me permite ter mais discernimentos espirituais sobre o que está acontecendo na América entre os negros e brancos. O negro americano não pode nunca ser culpado por suas animosidades raciais – está apenas reagindo a quatrocentos anos de racismo consciente dos brancos americanos. Mas como o racismo leva a América para o caminho do suicídio, eu creio, das experiências que tenho tido com eles, que os brancos da geração mais jovem, nas faculdades e universidades, verão a desgraça que se aproxima e muitos deles se voltarão para o caminho espiritual da verdade – o único caminho para evitar o desastre para o qual o racismo inevitavelmente levará a América.

Acredito que Deus neste momento está dando à suposta sociedade branca ‘cristã’ do mundo sua última oportunidade de se arrepender e expiar os crimes de exploração e escravização dos povos não-brancos do mundo. É exatamente como quando Deus deu ao Faraó uma chance de se arrepender. Mas o Faraó persistiu em sua recusa de dar justiça àqueles que oprimiu. E nós sabemos que Deus finalmente destruiu o Faraó.

Nunca esquecerei o jantar com o Dr. Azzam. Quanto mais conversávamos, mais seu vasto reservatório de conhecimento e sua variedade pareciam ilimitados. Ele falou da linhagem racial dos descendentes de Muhammad, que Deus o louve, o Profeta, e mostrou como eram brancos e negros. Também destacou como a cor, e os problemas de cor que existem no mundo muçulmano,

existem apenas onde, e na medida em que, aquela área do mundo muçulmano foi influenciada pelo Ocidente. Ele disse que ao encontrar quaisquer diferenças com base na atitude em relação à cor, isso refletia diretamente o grau de influência ocidental.

## **A Unicidade do Homem sob Um Deus**

Foi durante sua peregrinação que ele começou a escrever algumas cartas para seus assistentes leais na recém-formada mesquita no Harlem. Ele pediu que sua carta fosse copiada e distribuída à imprensa:

“Nunca testemunhei tamanha hospitalidade sincera e o espírito dominante de fraternidade verdadeira como praticados por pessoas de todas as cores e raças aqui nessa antiga Terra Sagrada, a Casa de Abraão, Muhammad e todos os outros Profetas das Escrituras Sagradas. Na última semana fiquei completamente sem palavras e fascinado pela bondade que vi ser exibida à minha volta por pessoas de todas as cores...

“Você pode estar chocado com essas palavras vindo de mim. Mas nessa peregrinação o que tenho visto, e experimentado, forçou-me a reorganizar muito dos padrões de pensamento mantidos anteriormente, e a deixar de lado algumas das minhas conclusões prévias. Não foi muito difícil para mim. Apesar de minhas firmes convicções, sempre fui um homem que tenta enfrentar os fatos, e aceitar a realidade da vida na medida em que é revelada por experiência e conhecimento novos. Sempre mantive a mente aberta, o que é necessário para a flexibilidade que deve andar de mãos dadas com toda forma inteligente de busca pela verdade.

“Durante os últimos onze dias aqui no mundo muçulmano, comi no mesmo prato, bebi do mesmo copo, e dormi na mesma cama (ou no mesmo tapete) – enquanto orava para o mesmo Deus - com companheiros muçulmanos, cujos olhos eram os mais azuis dos azuis, cujos cabelos eram os mais loiros dos loiros, cuja pele era a mais branca das brancas. E nas palavras, ações e atos dos muçulmanos “brancos”, senti a mesma sinceridade que senti entre os muçulmanos africanos negros da Nigéria, Sudão e Gana.

“Éramos todos verdadeiramente os mesmos (irmãos) – porque sua crença em um Deus tinha removido o “branco” de suas mentes, o ‘branco’ de seu comportamento e o ‘branco’ de suas atitudes.

“Pude ver disso que, talvez se os americanos brancos pudessem aceitar a Unicidade de Deus, então, talvez, também pudessem aceitar na realidade a Unicidade do Homem – e parar de avaliar, obstruir e prejudicar outros em termos de suas "diferenças" na cor.

“Com o racismo infestando a América como um câncer incurável, o suposto coração americano branco “cristão” devia ser mais receptivo a uma solução comprovada para esse problema destrutivo. Talvez esteja em tempo de salvar a América de um desastre iminente – a mesma destruição que ocorreu à Alemanha pelo racismo que eventualmente destruiu os próprios alemães.

“Perguntaram-me o que mais me impressionou sobre o Hajj. . . Eu disse, “A fraternidade! Os povos de todas as raças, cores, de todo o mundo se reunindo como um só! Isso me provou o poder do Deus Único. . . . Todos comem como um e dormem como um. Tudo na atmosfera da peregrinação acentua a Unicidade do Homem sob Um Único Deus.”

Malcom retornou da peregrinação como El-Hajj Malik al-Shabazz. Estava incendiado com novo discernimento espiritual. Para ele, a batalha tinha evoluído da luta de um nacionalista pelos direitos civis para a luta pelos direitos humanos de um internacionalista e humanitário.

## ***Depois da Peregrinação***

Repórteres e outros brancos estavam ansiosos para aprender sobre as recém-formadas opiniões de El-Hajj Malik sobre eles. Mal podiam acreditar que o homem que tinha pregado contra eles por tantos anos podia repentinamente ter se modificado e chamá-los de irmãos. Para essas pessoas El-Hajj Malik tinha isso a dizer:

“Vocês me perguntam ‘Você não disse que agora aceita os brancos como irmãos?’ Bem, minha resposta é que no mundo muçulmano eu vi, senti e escrevi para casa como meu pensamento tinha se ampliado! Enquanto escrevia, compartilhava amor fraternal verdadeiro com muitos muçulmanos de complexão branca que nunca se importaram com a raça ou complexão de outro muçulmano.

“Minha peregrinação ampliou meu escopo. Ela me abençoou com um novo discernimento. Em duas semanas na Terra Sagrada eu vi o que nunca tinha visto em trinta e nove anos aqui na América. Vi todas as raças, todas as cores, - de loiros de olhos azuis a africanos negros – em verdadeira irmandade! Em unidade! Vivendo como um! Adorando como um! Sem segregacionistas – nem liberais; eles não saberiam interpretar o significado dessas palavras.

“No passado, sim, fiz acusações generalizadas a todas as pessoas brancas. Nunca serei culpado disso novamente – uma vez que agora sei que algumas pessoas brancas são verdadeiramente sinceras, que algumas são verdadeiramente capazes de serem irmãs de um homem negro. O Islã verdadeiro me mostrou que fazer uma acusação coletiva contra todas as pessoas brancas é tão errado quanto os brancos fazerem acusações coletivas contra os negros.”

Para os negros que constantemente olharam para ele como um líder, El-Hajj Malik pregou uma nova mensagem, totalmente oposta à que ele tinha pregado como ministro na Nação do Islã:

“O verdadeiro Islã ensinou-me que são necessários todos os ingredientes, ou características, religiosos, políticos, econômicos, psicológicos e raciais, para completar a Família e a Sociedade Humanas.

“Eu disse às minhas audiências nas ruas do Harlem que somente quando a humanidade se submeter a Um Deus que criou a todos - somente então a humanidade se aproximará da "paz" da qual muito se ouve falar... mas em cuja direção pouca ação tem sido vista.”

## ***Muito Perigoso para Durar***

A nova mensagem universalista de El-Hajj Malik era o pior pesadelo da instituição americana. Ela não apelava somente para as massas negras, mas para intelectuais de todas as raças e cores. Agora ele era consistentemente demonizado pela imprensa como

um “defensor da violência” e um “militante”, embora na verdade ele e o Dr. Martin Luther King estivessem se aproximando em termos de ponto de vista:

“O objetivo sempre foi o mesmo, com abordagens tão diferentes quanto a minha e a marcha não-violenta do Dr. Martin Luther King, que dramatiza a brutalidade e o mal do homem branco contra negros indefesos. E no clima racial desse país hoje, é um mistério qual dos “extremos” na abordagem dos problemas do homem negro encontrará a nível pessoal uma catástrofe fatal primeiro – o ‘não-violento’ Dr. King, ou o suposto ‘violento’ eu.”

El-Hajj Malik sabia bem que era um alvo de muitos grupos. Apesar disso, nunca teve medo de dizer o que tinha que dizer quando tinha que dizê-lo. Como um tipo de epitáfio no fim de sua autobiografia, ele diz:

“Sei que as sociedades com freqüência mataram as pessoas que ajudaram a mudar essas sociedades. Se eu puder morrer tendo trazido alguma luz, tendo exposto alguma verdade significativa que ajudará a destruir o câncer racista que é maligno no corpo da América - então, todo o crédito é devido a Deus. Somente os erros foram meus.”

## **O Legado de Malcom X**

Embora El-Hajj Malik soubesse que era um alvo para assassinato, ele aceitou esse fato sem requisitar proteção policial. Em 21 de fevereiro de 1965, enquanto se preparava para dar uma palestra em um hotel de Nova Iorque, foi baleado por três homens negros.

Faltavam três meses para completar quarenta anos. Embora esteja claro que a Nação do Islã teve algo a ver com o assassinato, muitas pessoas acreditam que houve mais de uma organização envolvida. O FBI, conhecido por sua tendência antimovimento negro, foi sugerido como cúmplice. Podemos nunca saber ao certo quem estava por trás do assassinato de El-Hajj Malik ou do assassinato de outros líderes nacionais no início dos anos 60.

A vida de Malcom X afetou os americanos de muitas formas importantes. O interesse dos afro-americanos em suas raízes islâmicas floresceu desde a morte de El-Hajj Malik. Alex Haley, que escreveu a autobiografia de Malcom, escreveu depois o épico *Raízes*, sobre a experiência de uma família muçulmana com a escravidão. Mais e mais afro-americanos estão se tornando muçulmanos, adotando nomes islâmicos ou explorando a cultura africana. O interesse em Malcom X aumentou repentinamente em tempos recentes devido ao filme de Spike Lee, “X”. El-Hajj Malik é uma fonte de orgulho para os afro-americanos, muçulmanos, e americanos em geral. Sua mensagem é simples e clara:

“Não sou racista sob qualquer aspecto. Não acredito em qualquer forma de racismo. Não acredito em qualquer forma de discriminação ou segregação. Acredito no Islã. Sou um muçulmano.”

# Sacerdotes e Figuras Religiosas

## Abdullah ibn Salam, rabino, Medina

**A**l-Husayin ibn Salam era um rabino judeu em Yathrib [Medina] que era amplamente respeitado e honrado pelo povo da cidade, mesmo por aqueles que não eram judeus. Era conhecido por sua piedade e bondade, sua conduta elevada e sua veracidade.

Al-Husayn viveu uma vida pacífica e gentil, mas era sério, com propósitos e organizado na forma como passava seu tempo. Por um período fixo a cada dia ele fazia sua adoração, ensinava e pregava no templo.

Então passava algum tempo em seu pomar, cuidando, podando e polinizando as tamareiras. Depois disso, para aumentar o entendimento e conhecimento de sua religião, ele se devotava ao estudo do Torá.

Nesse estudo é dito que ele era particularmente afetado por alguns versos do Torá, que lidavam com a vinda de um Profeta que completaria a mensagem dos Profetas anteriores. Al-Husayn

assumiu então um interesse imediato quando ouviu relatos do aparecimento de um Profeta em Meca.

## **O que se segue é sua história, em suas próprias palavras:**

Quando ouvi do aparecimento do Mensageiro de Deus (que a paz esteja sobre ele), comecei a fazer perguntas sobre seu nome, sua genealogia, suas características, época e lugar e comecei a comparar essa informação com o que estava contido em nossos livros.

Dessas perguntas fiquei convencido sobre a autenticidade de sua missão profética e afirmei a verdade de sua missão. Entretanto, ocultei minhas conclusões dos judeus. Segurei minha língua.

Então chegou o dia quando o Profeta, que a paz esteja sobre ele, deixou Meca e partiu para Yathrib. Quando ele alcançou Yathrib e parou em Quba, um homem chegou correndo na cidade, convocando as pessoas e anunciando a chegada do Profeta.

Naquele momento eu estava no topo de uma tamareira fazendo um trabalho. Minha tia, Khalidah bint Al-Harith, estava sentada sob a árvore. Ao ouvir a notícia, gritei: “Allahu Akbar! Allahu Akbar!” (Deus é Maior! Deus é Maior!)

Quando minha tia me ouviu, me censurou: “Que Deus o frustre... Por Deus, se você tivesse ouvido que Moisés vinha em sua direção não teria sido mais entusiasmado.”

“Tia, ele é realmente, por Deus, o ‘irmão’ de Moisés e segue sua religião. Foi enviado com a mesma missão de Moisés.” Ela ficou em silêncio por um instante e depois disse: “Ele é o Profeta sobre o qual você nos falou que seria enviado para confirmar a verdade pregada pelos Profetas anteriores e completar a mensagem de seu Senhor?”

“Sim,” respondi.

Sem demora ou hesitação fui me encontrar com o Profeta. Vi multidões em sua porta. Andei no meio da multidão até chegar perto dele.

As primeiras palavras que ouvi dele foram: “Ó povo! Espalhe a paz... Compartilhe a comida... Ore durante a noite enquanto as pessoas (normalmente) dormem... e entrarão no Paraíso em paz.”

Olhei para ele bem de perto. O inspecionei e me convencido de que seu rosto não era o de um impostor. Cheguei mais perto e fiz a declaração de fé de que não há nenhuma divindade exceto Deus e que Muhammad é o Mensageiro de Deus.

O Profeta se virou para mim e perguntou: “Qual é o seu nome?” “Al-Husayn ibn Salam,” respondi. “Agora é Abdullah ibn Salam,” ele disse (me dando um novo nome). “Sim,” concordei. “Será Abdullah ibn Salam. Por Aquele que o enviou com a Verdade, não desejo ter outro nome depois desse dia.”

Voltei para casa e introduzi o Islã à minha esposa, meus filhos e o resto de minha família. Todos aceitaram o Islã, inclusive minha tia Khalidah que era então uma senhora idosa. Entretanto, avisei-

lhes para ocultar nossa aceitação do Islã dos judeus até que eu desse permissão. Eles concordaram.

Subsequentemente voltei ao Profeta (que a paz esteja sobre ele) e disse: “Ó Mensageiro de Deus! Os judeus são um povo (inclinado) à difamação e falsidade. Quero que convide seus homens mais proeminentes para encontrá-lo. Durante o encontro, devo ser mantido oculto deles em um dos quartos. Pergunte a eles sobre minha condição entre eles antes de descobrirem minha aceitação do Islã. Então os convide ao Islã. Se souberem que me tornei um muçulmano, eles me denunciarão e acusarão das piores coisas e me difamarão.”

O Profeta me manteve em um dos quartos e convidou as personalidades judaicas proeminentes para visitá-lo. Ele introduziu o Islã a eles e os convocou a terem fé em Deus.

Começaram a disputar e argumentar com ele sobre a Verdade. Quando ele percebeu que não estavam inclinados a aceitar o Islã, ele lhes perguntou:

“Qual é a condição de Al-Husayn ibn Salam entre vocês?”

“Ele é nosso *sayyid* (líder) e filho de nosso *sayyid*. É nosso rabino e nosso *alim* (erudito), o filho de nosso rabino e *alim*.”

“Se soubessem que ele aceitou o Islã, aceitariam o Islã também?” perguntou o Profeta.

“Que Deus não permita! Ele não aceitaria o Islã. Que Deus o proteja de aceitar o Islã,” disseram, horrorizados.

Nesse momento apareci na frente deles e anunciei: “Ó assembléia de judeus! Sejam conscientes de Deus e aceitem o que Muhammad trouxe. Por Deus, certamente sabem que ele é o Mensageiro de Deus e podem encontrar profecias sobre ele e a menção de seu nome e características em seu Torá. De minha parte declaro que ele é o Mensageiro de Deus. Tenham fé nele e acreditem que ele é verdadeiro. Eu o conheço.”

“Você é um mentiroso,” gritaram. “Por Deus, você é mau e ignorante, o filho de uma pessoa má e ignorante.” E continuaram a lançar todo tido de abuso sobre mim.

## **Aqui termina sua própria narrativa.**

Abdullah ibn Salam abordou o Islã com uma alma sedenta de conhecimento. Era devotado de forma apaixonada ao Alcorão e passou muito tempo recitando e estudando seus versículos belos e sublimes. Era profundamente ligado ao nobre Profeta e estava constantemente em sua companhia.

Passava muito de seu tempo na masjid (mesquita), engajado em adoração, aprendizado e ensino. Era conhecido por sua forma doce, comovente e efetiva de ensinar em círculos de estudo dos Sahabah (companheiros) que se reuniam regularmente na mesquita do Profeta.

Abdullah ibn Salam era conhecido entre os Sahabah como um homem das pessoas do Paraíso. Isso por causa de sua determinação em relação ao conselho do Profeta de se apegar com perseverança ao ‘suporte mais confiável’ que é a crença e a submissão total a Deus.

# Idris Tawfiq, Padre Católico, Reino Unido

“C

Constatarás que os piores inimigos dos crentes, entre os humanos, são os judeus e os idólatras. Constatarás que aqueles que estão mais próximos do afeto dos fiéis são os que dizem: “Somos cristãos!”, porque possuem sacerdotes e não ensoberbecem de coisa alguma. E, ao escutarem o que foi revelado ao Mensageiro, tu vês lágrimas a lhes brotarem nos olhos; reconhecem naquilo a verdade, dizendo: Ó Senhor nosso, cremos! Inscreve-nos entre os testemunhadores!”

(Surata Al-Maida 82-83)

Foi o que aconteceu com o ex-padre católico britânico Idris Tawfiq na recitação do livro sagrado do Islã, o Alcorão, para seus alunos em uma escola na Grã-Bretanha. E esse foi um dos passos importantes em sua jornada de conversão ao Islã.

Durante uma palestra recente que deu no British Council no Cairo, Tawfiq deixou claro que não tem arrependimentos em relação ao seu passado e em relação ao que os cristãos fazem e sua vida no Vaticano por cinco anos.

“Gostei de ser um padre que ajudou as pessoas por alguns anos. Entretanto, no fundo não estava feliz e sentia que havia algo que não estava certo. Felizmente, e é a vontade de Deus, alguns

“eventos e coincidências em minha vida me levaram ao Islã,” disse ele a um auditório lotado no British Council.

Uma segunda coincidência importante para Tawfiq foi sua decisão de deixar seu trabalho no Vaticano, um passo seguido por uma viagem ao Egito.

“Costumava pensar no Egito como um país das pirâmides, camelos, areia e tamareiras. Na verdade peguei um vôo charter para Hurghada.

Chocado ao descobrir que era semelhante a algumas praias europeias, peguei o primeiro ônibus para o Cairo e passei a semana mais maravilhosa de minha vida.

Essa foi minha primeira introdução aos muçulmanos e ao Islã. Notei que os egípcios são um povo gentil e doce, mas também muito forte.

“Como todos os bretões, meu conhecimento sobre os muçulmanos naquela época não passava do que ouvia na TV sobre suicidas e combatentes, dando a impressão de que o Islã é uma religião de problemas. Entretanto, ao chegar ao Cairo descobri o quanto essa religião é bela. Pessoas muito simples vendendo coisas na rua abandonavam seu negócio e direcionavam seus rostos para Allah e oravam no momento que ouviam a chamada para oração vinda da mesquita. Têm uma fé forte na presença e vontade de Allah. Oram, jejuam, ajudam os necessitados e sonham em viajar para Meca com a esperança de viver no paraíso na vida futura,” disse.

“No meu retorno assumi meu antigo emprego de ensinar religião. A única disciplina compulsória na educação britânica é Estudos Religiosos. Ensinava sobre Cristianismo, Islã, Judaísmo, Budismo e outras. Então todos os dias eu tinha que ler sobre essas religiões para ser capaz de dar minhas aulas aos estudantes, muitos dos quais eram refugiados muçulmanos árabes. Em outras palavras, ensinar o Islã me ensinou muitas coisas.

“Ao contrário de muitos adolescentes problemáticos, esses estudantes davam um bom exemplo do que um muçulmano pode ser. Eram educados e gentis. Então se desenvolveu uma amizade entre nós e eles perguntaram se podiam usar minha sala de aula para orações durante o mês de jejum do Ramadã.

“Felizmente, minha sala era a única com um tapete. E assim me acostumei a sentar nos fundos, observando-os orar por um mês. Procurei encorajá-los a jejuar durante o Ramadã jejuando com eles, mesmo não sendo ainda um muçulmano.

“Uma vez, enquanto recitava uma tradução do Alcorão sagrado na aula, cheguei ao seguinte versículo:

“E, ao escutarem o que foi revelado ao Mensageiro, tu vês lágrimas a lhes brotarem nos olhos; reconhecem naquilo a verdade.”

Para minha surpresa, senti lágrimas em meus olhos e tentei, com dificuldade, esconder de meus alunos.”

## ***Evento abalador***

A virada em sua vida, entretanto, veio com as consequências dos ataques terroristas nos EUA em 11 de setembro de 2001.

“No dia seguinte estava no metrô e notei o quanto as pessoas estavam aterrorizadas. Eu também estava com medo da repetição de tais atos na Grã-Bretanha. Na época os ocidentais começaram a temer essa religião, que culpavam pelo terrorismo.

“Entretanto, minha experiência anterior com os muçulmanos me levou para uma direção diferente. Comecei a pensar: ‘Por que o Islã? Por que culpamos o Islã como uma religião pela ação de terroristas que por acaso são muçulmanos, quando ninguém acusou o Cristianismo de terrorismo quando alguns cristãos agiram da mesma forma?’

“Um dia fui para a maior mesquita em Londres, para ouvir mais sobre essa religião. Ao chegar à Mesquita Central de Londres, lá estava Yusuf Islam, o ex-cantor pop, sentado em um círculo falando com algumas pessoas sobre o Islã. Pouco depois, me peguei perguntando a ele: ‘O que se faz para se tornar um muçulmano?’

Ele respondeu que um muçulmano deve acreditar em um Deus, orar cinco vezes ao dia e jejuar durante o Ramadã. Eu o interrompi dizendo que acreditava em tudo isso e tinha até jejuado durante o Ramadã. Então ele perguntou: ‘O que está esperando? O que o detém?’ Eu disse: ‘Não, eu não pretendo me converter.’

“Naquele momento foi feito o chamado para a oração e todos se prepararam e se alinharam para orar.

“Sentei no fundo, e chorei e chorei. Então disse a mim mesmo: ‘A quem está tentando enganar?’

“Depois que terminaram suas orações, fui até Yusuf Islam e pedi a ele que me ensinasse as palavras através das quais eu anunciaria minha conversão.

“Depois de explicar seus significados para mim em inglês, recitei depois dele em árabe que não há deus exceto Allah e que Muhammad é o Mensageiro de Allah,” relata Tawfiq, segurando suas lágrimas.

## ***‘Jardins do Islã’***

Dessa forma sua vida tomou um curso diferente. Vivendo no Egito, Tawfiq escreveu um livro sobre os princípios do Islã.

Ao explicar por que ele escreveu seu livro Jardins de Deleite: uma Introdução Simples ao Islã, Tawfiq ressaltou que todos dizem que o Islã não é uma religião de terrorismo e ódio, mas ninguém tenta explicar o que é.

“Então decidi escrever esse livro para dar aos não-muçulmanos uma idéia sobre os princípios básicos do Islã. Tentei dizer às pessoas como o Islã é belo e que o Islã tem os tesouros mais extraordinários, dos quais o mais importante é o amor que os muçulmanos sentem uns pelos outros. O Profeta diz ‘Até um sorriso para seu irmão é uma caridade.’

Tawfiq disse à Gazeta que está trabalhando em um livro sobre o Profeta Muhammad [que a misericórdia e bêncões de Deus estejam sobre ele] que ele considera que será diferente dos muitos livros já escritos sobre ele.

Ele acha que “o caminho melhor e mais rápido” de informar o mundo com a imagem verdadeira do Islã é dar um bom exemplo na vida real.

# Homens

## Craig Robertson, Ex-Católico, Canadá

**C**Meu nome é Abdullah Al-Kanadi. Nasci em Vancouver, Canadá. Minha família, que era católica romana, educou-me como um católico romano até eu ter 12 anos de idade. Sou muçulmano por aproximadamente seis anos, e gostaria de compartilhar a história de minha jornada ao Islã com vocês.

Suponho que em qualquer história seja melhor começar do começo. Durante minha infância freqüentei a escola religiosa católica e aprendi sobre a fé católica, junto com outros assuntos. Religião sempre foi minha melhor matéria; eu me destaquei academicamente nos ensinamentos da Igreja. Fui pressionado a prestar serviço como coroinha por meus pais desde muito pequeno, algo que agradava muito aos meus avós; mas quanto mais eu aprendia sobre minha religião, mais a questionava! Tenho essa lembrança de minha infância, quando perguntei minha mãe na missa: “A nossa religião é a certa?” A resposta de minha mãe ainda ressoa em meus ouvidos até hoje: “Craig, elas são todas iguais, todas são boas!” Bem, para mim isso não parecia

certo. Qual o sentido em aprender minha religião se eram todas igualmente boas??!

Quando eu tinha doze anos, minha avó materna foi diagnosticada com câncer de cólon e morreu poucos meses depois, após uma batalha dolorosa com a doença. Eu só me dei conta do quanto sua morte me afetou um pouco mais tarde. Com a idade de doze anos decidi que seria ateu para punir Deus (se você puder sequer imaginar tal coisa!) Era um menininho zangado; estava zangado com o mundo, comigo mesmo e o pior de tudo, com Deus. Tropecei durante meus primeiros anos de adolescente tentando fazer de tudo que podia para impressionar meus novos “amigos” do segundo grau na escola pública. Rapidamente percebi que tinha muito a aprender, porque protegido em uma escola religiosa você não aprende o que deveria em uma escola pública. Pressionei em particular todos os meus amigos para que me ensinassem sobre todas as coisas que não aprendi, e logo adquiri o hábito de xingar e debochar de pessoas mais fracas que eu.

Embora tentasse ao máximo me adaptar, nunca consegui, de fato. Era intimidado; as meninas debochavam de mim e assim por diante. Para uma criança da minha idade, isso era devastador. Eu me fechei, naquilo que chamava de ‘carapaça emocional’.

Minha adolescência foi cheia de miséria e solidão. Meus pobres pais tentavam falar comigo, mas eu era beligerante com eles e muito desrespeitoso. Concluí o segundo grau no verão de 1996 e senti que as coisas mudariam para melhor, já que acreditava que não poderiam ficar piores! Fui aceito em uma escola técnica local e decidi que devia prosseguir com minha educação e talvez fazer um bom dinheiro, para poder ser feliz. Aceitei um emprego em

um restaurante fast-food perto de minha casa para ajudar a pagar a escola.

Poucas semanas antes de começar as aulas, fui convidado para morar com alguns amigos do trabalho. Para mim, essa era a resposta para meus problemas! Esqueceria minha família e estaria com meus amigos o tempo todo. Uma noite eu disse a meus pais que estava me mudando. Eles disseram que eu não podia, que não estava pronto para isso e que não permitiriam! Eu tinha 17 anos e era muito obstinado; xinguei meus pais e disse a eles todo tipo de coisas ruins, das quais continuo a me arrepender até hoje. Senti-me encorajado por minha nova liberdade, senti-me liberto, e podia seguir meus desejos do jeito que quisesse. Fui morar com meus amigos e não falei com meus pais por um longo tempo depois disso.

Estava trabalhando e indo à escola quando meus colegas de quarto me introduziram à marijuana. Fiquei apaixonado depois do primeiro ‘puff’! Fumava um pouco depois de ir para casa, vindo do trabalho, para relaxar e desanuviar. Logo comecei a fumar mais e mais, até que durante um final de semana eu tinha fumado tanto que era segunda de manhã antes que me desse conta, e hora de ir para escola. Pensei, bem, tirarei um dia de folga na escola e irei no dia seguinte, porque não darão falta de mim. Nunca voltei à escola depois disso. Finalmente percebi o quanto isso era bom. Com toda a comida de fast-food que se pode roubar e todas as drogas que se pode fumar, quem precisa de escola?

Estava vivendo uma ótima vida, ou assim pensava eu; tornei-me o bad boy ‘residente’ no trabalho e consequentemente as garotas

começaram a prestar atenção em mim como não tinham feito no segundo grau. Tentei drogas mais pesadas mas, *alhamdulillah*, fui salvo das realmente terríveis. O estranho é que quando não estava alto ou bêbado eu estava miserável. Sentia-me inútil e completamente sem valor. Estava roubando do trabalho e de amigos para ajudar a manter o ‘nevoeiro químico’. Fiquei paranóico em relação às pessoas a minha volta e imaginei que policiais me perseguiam em todas as esquinas. Estava à beira de um colapso e precisava de uma solução. Então, pensei que a religião poderia me ajudar.

Lembrei-me de ter visto um filme sobre bruxaria e pensei que seria perfeito para mim. Comprei alguns livros sobre Wicca e Adoração à Natureza, descobri que encorajavam o uso de drogas naturais e assim, continuei. As pessoas me perguntavam se acreditava em Deus e eu tinha as conversas mais estranhas quando estava sob a ‘influência’, mas lembro-me distintamente de dizer que não, de fato não acreditava em Deus, acreditava em muitos deuses tão imperfeitos quanto eu.

Durante tudo isso, um amigo ficou do meu lado. Era um cristão ‘renascido’ e estava sempre pregando para mim, apesar de eu debochar de sua fé em todas as oportunidades. Era o único amigo que eu tinha na época que não me julgava e, então, quando ele me convidou para ir a um acampamento jovem no final de semana eu decidi ir. Eu não tinha expectativas. Pensei que riria muito debochando de todos os “fanáticos da Bíblia”. Durante a segunda noite eles fizeram um enorme serviço religioso em um auditório. Tocaram todos os tipos de música que louvavam Deus. Eu observava enquanto jovens e velhos, e homens e mulheres

gritavam por perdão e derramavam lágrimas por qualquer coisa. Estava realmente comovido e fiz uma oração silenciosa durante as frases “Deus, sei que tenho sido uma pessoa horrível, por favor, me ajude, me perdoe e me deixe começar de novo.” Senti uma onda de emoção se apoderar de mim e lágrimas rolando em minhas bochechas. Decidi naquele momento abraçar Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador pessoal. Levantei minhas mãos para o ar e comecei a dançar (sim, dançar!) Todos os cristãos ao meu redor começaram a me fitar em um silêncio atordoado; o cara que debochava deles e dizia o quanto eles eram estúpidos por acreditarem em Deus, estava dançando e louvando Deus!

Retornei para minha casa festiva e evitei todas as drogas, intoxicantes e garotas. Imediatamente disse aos meus amigos como precisavam ser cristãos para que pudessem ser salvos. Estava chocado por terem me rejeitado, porque sempre prestavam atenção em mim antes. Acabei me mudando de volta para a casa dos meus pais depois de uma longa ausência, e costumava atormentá-los persistentemente com as razões pelas quais deviam se tornar cristãos. Sendo católicos eles sentiam que já eram cristãos, mas eu sentia que não eram, porque adoravam santos. Decidi me mudar de novo, mas dessa vez em termos melhores, e meu avô me deu um emprego porque queria me ajudar com minha “recuperação”.

Comecei a participar em uma “casa da juventude” cristã que basicamente era uma casa onde os adolescentes podiam ir, para se afastar das pressões familiares e discutir o Cristianismo. Era mais velho que a maioria dos garotos e tornei-me um daqueles que mais falavam e tentavam fazer os meninos se sentirem bem vindos.

Apesar disso eu me sentia uma fraude, porque comecei a beber e namorar de novo. Dizia aos meninos sobre o amor de Jesus por eles, e durante as noites bebia. Durante tudo isso, meu amigo cristão tentava aconselhar-me e manter-me na trilha certa.

Lembro-me até hoje de meu primeiro encontro com um muçulmano. Um dos rapazes trouxe seu amigo para a casa da juventude. Era um garoto muçulmano cujo nome eu esqueci. O que me lembro é do garoto dizendo “trouxe meu amigo ‘fulano’, ele é muçulmano e quero ajudá-lo se tornar cristão”. Estava absolutamente assombrado com este garoto de 14 anos, ele era calmo e amigável! Acreditou ou não, ele se defendeu *E* ao Islã contra uma dúzia de cristãos que lançavam abusos contra ele e o Islã! Enquanto manuseávamos nossas Bíblias em vão e ficávamos cada vez mais zangados, ele simplesmente sentava lá, sorrindo de forma quieta e nos dizendo sobre adorar outros além de Deus e como, sim, há amor no Islã. Era como uma gazela cercada por uma dúzia de hienas, e ainda assim, o tempo todo, se manteve calmo, amigável e respeitoso. Isso confundiu minha mente!

O garoto muçulmano deixou uma cópia do Alcorão na prateleira, a esqueceu ou a deixou de propósito, não sei, mas comecei a lê-la. Logo fiquei enfurecido com esse livro quando vi que fazia mais sentido do que a Bíblia. O joguei no sofá e andei sobre ele, fervendo de raiva, e ainda assim, depois de lê-lo, tinha uma pequena dúvida no meu âmago. Fiz o que pude para esquecer sobre o garoto muçulmano e simplesmente passar meu tempo com meus amigos na casa da juventude. O grupo de jovens costumava ir a várias igrejas nos finais de semana para eventos de oração e as noites de sábado eram passadas em grandes igrejas ao invés de no

bar. Lembro-me de estar em um evento chamado ‘A Fonte’ e de sentir-me tão próximo de Deus que queria me humilhar e mostrar ao meu Criador meu amor por Ele. Fiz o que me pareceu natural e me prostrei. Prostrei-me como os muçulmanos fazem em suas orações diárias, embora não soubesse o que estava fazendo. Tudo que sabia é que me sentia realmente bem...parecia o certo, mais do que qualquer outra coisa que já tinha feito. Senti-me muito religioso e espiritual e continuei em meu caminho mas, como de costume, comecei a sentir as coisas saindo de controle.

O Pastor sempre nos ensinou que devíamos submeter nossa vontade a de Deus e eu não queria nada além disso; mas não sabia como! Sempre supliquei “Por favor, Deus, faça da Sua Vontade a minha, faça-me seguir Sua Vontade” e assim por diante, mas nada acontecia. Sentia que lentamente me afastava da igreja na medida em que minha fé declinava. Foi nessa época que meu melhor amigo, o cristão que tinha me ajudado a vir para Cristo, junto com outro amigo meu muito chegado, estupraram a namorada com quem eu estava há dois anos. Eu estava no outro quarto bêbado demais para saber o que estava acontecendo e incapaz de impedir qualquer coisa. Algumas semanas depois foi revelado que o homem que dirigia a cada da juventude tinha molestado um dos garotos com quem eu tinha amizade.

Meu mundo estava despedaçado! Tinha sido traído por tantos dos meus amigos, pessoas que supostamente eram próximas de Deus e trabalhavam pelo Paraíso. Não tinha nada para dar, estava vazio de novo. Andei em círculos como antes, cego e sem direção, apenas trabalhando, dormindo e indo a festas. Minha namorada e eu terminamos em seguida. Minha culpa, ódio e tristeza

envolveram todo o meu ser. Como o Criador podia permitir que tal coisa acontecesse comigo? Quão egoísta era eu!

Um pouco depois meu gerente no trabalho me disse que um “muçulmano” viria trabalhar conosco, que era realmente religioso e devíamos tentar ser decentes quando estivéssemos à sua volta. No minuto em que esse “muçulmano” chegou, ele começou a fazer dawah. Não perdeu tempo nos dizendo tudo sobre o Islã e todos disseram a ele que não queriam ouvir nada sobre o Islã, exceto eu! Minha alma chorava e minha teimosia não podia silenciar os lamentos. Começamos a trabalhar juntos e a discutir nossas respectivas crenças. Eu tinha desistido completamente do Cristianismo, mas quando me faziam perguntas minha fé ressurgia e me sentia um ‘cruzado’ defendendo a Fé do “muçulmano” mau.

O que importava é que esse “muçulmano” em particular não era mau como haviam me dito. De fato, era melhor do que eu. Não xingava, nunca se zangava e era sempre calmo, gentil e respeitoso. Estava verdadeiramente impressionado e decidi que ele daria um excelente cristão. Continuamos fazendo perguntas sobre nossas religiões, mas depois de um tempo me senti cada vez mais na defensiva. Em um determinado ponto, fiquei muito zangado...aqui estava eu tentando convencê-lo da verdade do Cristianismo, e sentia que ele estava com a verdade! Comecei a me sentir cada vez mais confuso, e não sabia o que fazer. Tudo que sabia foi que tinha que aumentar minha fé, então entrei no carro e corri para ‘A Fonte’. Estava convencido que se pudesse orar lá novamente, teria de volta aquele sentimento e a fé fortalecida, e então poderia converter o muçulmano. Cheguei lá, depois de correr ao longo de todo o caminho, e a encontrei

fechada! Não havia ninguém a vista e procurei freneticamente por outro evento semelhante para que pudesse me ‘recarregar’, mas não encontrei nada. Desanimado, voltei para casa.

Comecei a perceber que estava sendo empurrado em uma determinada direção e então supliquei ao meu Criador para submeter minha vontade à Dele. Senti que minha súplica estava sendo atendida; fui para casa, deitei na cama e naquele momento percebi que precisava orar como nunca antes. Sentei na cama e clamei, *‘Jesus, Deus, Buda, quem quer que Você seja, por favor, por favor, me oriente, preciso de Você! Já fiz muito mal em minha vida e preciso de Sua ajuda. Se o Cristianismo for o caminho correto então me fortaleça e se for o Islã, então traga-o para mim!’* Parei de orar e as lágrimas secaram e no fundo de minha alma me senti calmo. Sabia qual era a resposta. Fui para o trabalho no dia seguinte e disse ao irmão muçulmano “como eu digo ‘olá’ a você?” Ele perguntou o que eu queria dizer e eu disse, “Eu queria me tornar muçulmano”. Ele me olhou e disse “Allahu Akbar!” Nos abraçamos por um bom minuto, mais ou menos, agradeci a ele por tudo e comecei minha jornada no Islã.

Quando olho para todos os eventos que aconteceram em minha vida, percebo que tudo estava sendo preparado para que eu me tornasse um muçulmano. Deus teve muita misericórdia comigo. Em tudo que aconteceu em minha vida, havia algo a aprender. Aprendi a beleza da proibição islâmica aos intoxicantes, a proibição do sexo ilícito, e a necessidade do *Hijab*. Finalmente estou em uma trilha equilibrada, não estou mais seguindo em uma única direção; vivo uma vida moderada e faço o melhor para ser um muçulmano decente.

Sempre existem desafios como estou certo que muitos de vocês tiveram. Mas através desses desafios, através dessas dores emocionais, ficamos mais fortes; aprendemos e, espero, nos voltamos para Deus. Aqueles de nós que aceitaram o Islã em algum ponto da vida, são verdadeiramente abençoados e afortunados. Foi-nos dada uma chance, uma chance para a maior misericórdia! Misericórdia que não merecemos, mas que ainda assim Deus estará disposto a conceder no Dia da Ressurreição. Reconciliei-me com minha família e estou pensando em começar a minha própria família, se Deus quiser. O Islã é de fato um estilo de vida, e mesmo se recebemos um tratamento inadequado de nossos companheiros muçulmanos ou não-muçulmanos, devemos sempre lembrar de sermos pacientes e nos voltarmos somente para Deus.

Se eu disse algo incorreto veio de mim, e se algo que disse é correto, vem de Deus. Todos os louvores são para Deus, e que Deus conceda Sua misericórdia e bênçãos sobre seu nobre Profeta Muhammad, Amém.

Que Deus aumente nossa fé e a faça de acordo com o que O agrada e nos conceda Seu Paraíso, Amém!

# Bruce Paterson, ex-cristão, Reino Unido

**E**u gostaria de aproveitar a oportunidade para compartilhar com vocês minha jornada ao Islã, e sinto que compartilhando essa experiência posso ajudá-los em sua jornada pela vida. Todos nós nascemos em culturas, países e religiões diferentes no que parece ser quase sempre um mundo confuso e problemático. De fato, quando examinamos o mundo à nossa volta, podemos ver facilmente em que estado problemático ele está. Guerra, pobreza e crimes. Preciso dizer mais? Ainda assim, quando olhamos para a nossa própria formação e educação, como podemos estar certos de que todas as coisas que nos foram ditas são, de fato, a verdade?

Infelizmente, a maioria das pessoas no mundo decide tentar se esconder e escapar dos problemas do mundo do que lidar com a verdade. Lidar com a verdade geralmente é o caminho mais difícil a seguir. A pergunta é: você está disposto a suportar a verdade? É forte o suficiente? Ou vai escapar e se esconder como o resto?

Eu comecei a minha busca pela verdade há alguns anos. Eu queria encontrar a verdade sobre a realidade de nossa existência. Certamente, entender a vida de forma correta é a chave para resolver todos os problemas mundiais que enfrentamos hoje. Eu nasci em uma família cristã e é aqui que minha jornada começa.

Comecei a ler a Bíblia e a fazer perguntas e rapidamente fiquei insatisfeito. O padre me disse: “Você tem que ter fé.” Na leitura da Bíblia encontrei contradições e coisas que estavam claramente erradas. Deus Se contradiz? Deus mente? Claro que não!

Saí do Cristianismo, achando que as escrituras dos judeus e cristãos estavam corrompidas e que não havia meio de distinguir o verdadeiro do falso. Comecei a me informar sobre as religiões e filosofias orientais, em particular o Budismo. Passei muito tempo meditando em templos budistas e conversando com monges budistas. Na verdade, a meditação me dava uma sensação boa. O problema é que não respondia a nenhuma das minhas perguntas sobre a realidade da existência. Ao invés disso, as evitava cuidadosamente de forma que parecia estúpido até falar sobre o assunto.

Viajei para muitas partes do mundo durante minha busca pela verdade. Eu me interessei por religiões tribais e pensamentos espiritualistas. Descobri que muito do que essas religiões diziam continha verdade, mas eu nunca aceitava toda a religião como a verdade. Exatamente o mesmo ponto de onde parti com o Cristianismo!

Comecei a pensar que havia verdade em tudo e que não importava o que se acreditava ou seguia. Com certeza essa é uma forma de escapismo. Faz sentido? Uma verdade para uma pessoa e outra verdade para outra pessoa? Só pode haver uma verdade!

Eu fiquei confuso, caí no chão e supliquei: “Ó Deus, por favor, estou tão confuso. Por favor, me guie para a verdade.” Foi quando descobri o Islã.

É claro que eu sempre soube algo sobre o Islã, mas apenas o que ingenuamente ouvimos no Ocidente. Eu, entretanto, fiquei surpreso com o que encontrei. Quanto mais eu lia o Alcorão e fazia perguntas sobre o que o Islã ensinava, mais verdades recebia. A diferença surpreendente entre o Islã e todas as outras religiões é que o Islã é a única religião que faz uma distinção estrita entre o criador e a criação. No Islã nós adoramos o Criador. Simples. Você descobrirá, entretanto, que em todas as outras religiões existe alguma forma de adoração envolvendo a criação. Por exemplo, adorar homens como encarnações de Deus ou pedras, soa familiar. Certamente, se você for adorar algo, deve adorar o que criou tudo. Aquele que deu sua vida a você e aquele que a tirará novamente. De fato, no Islã, o único pecado que Deus não perdoará é a adoração da criação.

Entretanto, a verdade do Islã pode ser encontrada no Alcorão. O Alcorão é como um manual para a vida. Nele você encontrará respostas para todas as perguntas. Para mim, tudo que eu havia aprendido sobre todas as diferentes religiões, tudo que eu sabia ser verdade, se encaixou como peças de um quebra-cabeças. Eu tinha todas as peças o tempo todo, mas não sabia como reuni-las.

Eu, então, gostaria de pedir a você que considere o Islã agora. O verdadeiro Islã como descrito no Alcorão. Não o Islã sobre o qual aprendemos no Ocidente. Você, pelo menos, pode encurtar sua jornada na busca da verdade sobre a vida. Em qualquer caso, eu oro pelo seu sucesso.

# Dr. Ali Selman Benoist, Ex-Católico, França

Como médico e descendente de uma família católica francesa, a escolha de minha profissão me deu uma cultura científica sólida que me preparou muito pouco para uma vida mística. Não que não acreditasse em Deus, mas os dogmas e ritos do Cristianismo em geral e do Catolicismo em particular nunca me permitiram sentir Sua presença. Assim, meu sentimento unitário por Deus proibiu minha aceitação do dogma da Trindade e, consequentemente, da divindade de Jesus Cristo.

Sem conhecer o Islã ainda, já estava acreditando na primeira parte do Kalima, La ilah illa 'Allah (Não existe divindade exceto Allah) e nesses versículos do Alcorão:

“Dize: Ele é Deus, o Único! Deus! O Absoluto! Jamais gerou ou foi gerado! E ninguém é comparável a Ele!” (Alcorão 112:1-4)

Então, foi antes de tudo por razões metafísicas que aderi ao Islã. Outras razões, também, me levaram a isso. Por exemplo, minha recusa em aceitar os sacerdotes católicos, que, mais ou menos, reivindicam possuir em nome de Deus o poder de perdoar os pecados dos homens. Além disso, nunca pude admitir o rito católico da Comunhão, através da hóstia (ou pão sagrado), representando o corpo de Jesus Cristo, um ritual que me parece pertencer às práticas [totêmicas] de povos primitivos, onde o

corpo do ancestral totem, o tabu dos viventes, tinha que ser consumido depois de sua morte, para melhor assimilar sua personalidade. Outro ponto que me afastou do Cristianismo foi o absoluto silêncio que se mantém em relação à limpeza do corpo, particularmente antes das orações, que sempre me pareceu uma ofensa contra Deus. Porque se Ele nos deu uma alma, também nos deu um corpo, que não temos o direito de negligenciar. O mesmo silêncio pode ser observado, e dessa vez misturado com hostilidade, em relação à vida fisiológica do ser humano, enquanto que nesse ponto o Islã me pareceu ser a única religião de acordo com a natureza humana.

O elemento essencial e definitivo de minha conversão ao Islã foi o Alcorão. Comecei a estudá-lo, antes de minha conversão, com o espírito crítico de um intelectual ocidental, e devo muito ao trabalho magnífico do Sr. Malek Bennabi, intitulado *Le Phenomene Coranique* (*O Fenômeno Corânico*, em tradução livre), que me convenceu de ser divinamente revelado. Existem certos versículos desse livro, o Alcorão, revelados há mais de treze séculos, que ensinam exatamente as mesmas noções que os pesquisadores científicos modernos. Isso definitivamente me convenceu, e me converti para a segunda parte da Kalima, ‘Muhammad Rasul ‘Allah’ (Muhammad é o Mensageiro de Allah).

Essa foi minha razão para me apresentar em 20 de fevereiro de 1953 na mesquita em Paris, onde declarei minha fé no Islã, fui registrado como muçulmano pelo Mufti da Mesquita de Paris e recebi o nome de ‘Ali Selman’.

# *Histórias de Novos Muçulmanos*

---

Estou muito feliz com minha nova fé e proclamo mais uma vez:

“Testemunho que não existe deus a não ser Allah, e que Muhammad é servo e Mensageiro de Allah.”

## Mulheres

# Diane Charles Breslin, Ex-Católica, EUA

*Q*uando me perguntam como eu me tornei muçulmana eu sempre respondo que eu sempre me senti uma crente no ÚNICO, mas eu só percebi o que isso significava quando eu li sobre uma religião chamada Islã e um livro chamado Alcorão.

Mas deixem-me primeiro começar com uma breve sinopse de meu histórico predominantemente católico irlandês tradicional.

### ***Eu Era de Fato Católica***

O meu pai deixou o seminário após três anos de treino como um missionário. Ele era o mais velho de treze filhos, todos nascidos e criados na área de Boston. Duas de suas irmãs se tornaram freiras, como sua tia materna. O irmão mais novo do meu pai também estava no seminário, e o abandonou após nove anos, pouco antes de fazer seus votos finais. A minha avó acordava na alvorada para se vestir e ir até à igreja local para a missa da manhã, enquanto o resto da casa dormia. Eu lembro dela como uma mulher muito severa, gentil, justa, forte e profunda – algo nada usual naquela

época. Eu tenho certeza que ela nunca ouviu falar do Islã, e que Deus a julgue de acordo com as crenças que ela mantinha em seu coração. Muitos que nunca ouviram falar do Islã oram para o Único por instinto, embora tenham herdado rótulos de várias denominações de seus ancestrais.

Eu estava inscrita em um jardim de infância católico aos 4 anos e passei os 12 anos seguintes de minha vida cercada por fortes doses de doutrinação trinitária. As cruzes estavam em todo lugar, o dia todo – nas próprias freiras, nas paredes da sala de aula, na igreja que freqüentávamos quase diariamente, e em quase todo cômodo da minha casa. Sem mencionar as estátuas e figuras sagradas – em todo lugar que você olhasse havia Jesus ainda bebê e sua mãe, Maria – algumas vezes felizes, outras vezes tristes, mas sempre classicamente brancos e com feições anglo-americanas. Uma variedade de figuras de anjos e santos estavam presentes, dependendo do feriado que se aproximava.

Eu tenho memórias vívidas de pegar lilases e lírios-do-vale de nosso jardim para fazer buquês que eu colocava no vaso na base da nossa maior estátua da Virgem Maria, no corredor próximo ao meu quarto. Ali eu me ajoelhava e orava, desfrutando do agradável aroma de flores frescas e serenamente contemplando o quanto adorável era o longo cabelo castanho de Maria. Eu posso afirmar sem sombra de dúvida que eu nunca orei PARA ELA ou senti que ela tivesse quaisquer poderes para me ajudar. O mesmo era verdadeiro quando eu segurava o meu rosário à noite na cama. Eu repetia as súplicas rituais do Pai Nossa e da Ave-Maria e o Glória ao Pai, tudo enquanto olhava para cima e dizia do fundo do

meu coração – eu sei que só Tu existes, o Todo-Poderoso - eu só estou dizendo isso porque é tudo que eu aprendi.

No meu aniversário de doze anos a minha mãe me deu uma Bíblia. Como católicos nós não éramos encorajados a ler qualquer coisa exceto o nosso Catecismo de Baltimore, sancionado pelo Vaticano. Qualquer introspecção comparativa era negada e desacreditada. Ainda assim eu lia fervorosamente, procurando conhecer o que eu esperava ser uma estória sobre o meu criador. Eu fiquei ainda mais confusa. Esse livro era obviamente o trabalho de homens, complicado e difícil de entender. Mas era tudo que estava disponível.

Eu parei de freqüentar a igreja no meio da minha adolescência, como era a norma para a minha geração, e quando eu cheguei aos vinte anos, eu basicamente não tinha uma religião formal. Eu li muito sobre Budismo, Hinduísmo e até tentei a igreja Batista local por alguns meses. Elas não foram suficientes para prender a minha atenção, as primeiras eram muito exóticas e a última muito provinciana. Ainda assim através dos anos em que não pratiquei formalmente, não se passava um dia que eu não "conversasse com deus" especialmente quando eu ia dormir, sempre para agradecer por todas as bênçãos e pedir ajuda para qualquer problema que estivesse passando. Era sempre o mesmo ÚNICO a quem eu me dirigia, certa de que Ele estava ouvindo e confiante em Seu amor e proteção. Ninguém nunca me ensinou algo a esse respeito; era puro instinto.

## **Os Outros**

Foi durante a minha preparação para obtenção do meu mestrado que eu li o Alcorão pela primeira vez. Até então, como a maioria dos americanos, eu sabia “dos árabes” apenas como predadores misteriosos, prontos para atacar nossa civilização. O Islã nunca era mencionado – apenas os árabes sujos, camelos e tendas no deserto. Como uma criança na aula de religião, freqüentemente eu me perguntava quem eram as outras pessoas. Jesus caminhava em Canaã, Galiléia e Nazaré, mas tinha olhos azuis - quem eram as outras pessoas? Eu tinha um senso de que havia um elo perdido em algum lugar. Em 1967 durante a guerra árabe-israelense todos nós tivemos um primeira impressão das outras pessoas, e elas eram claramente identificadas com o inimigo pela maioria. Mas eu gostava deles, e sem razão aparente. Eu até hoje não posso explicar isso, exceto que eu compreendia que eles eram meus irmãos muçulmanos.

Eu estava com 35 anos quando li minha primeira página do Alcorão. Eu o abri com a intenção de uma pesquisa casual para me informar sobre a religião dos habitantes da região sobre a qual eu estava me especializando para o meu diploma de mestrado. Deus fez com que o livro caísse aberto na Surata al-Muminun (Os Crentes) versículos 52-54:

“Verdadeiramente, esta é a vossa nação, uma nação única, e Eu sou vosso Senhor. Então, temei-Me. Mas eles quebraram o mandamento em seitas, cada um jubiloso em sua crença. Então, deixa-os em seu erro até um certo tempo.” (Alcorão 23:52-54)

Da primeira leitura eu sabia que havia uma certa verdade – clara e poderosa, revelando a essência de toda a humanidade e confirmando tudo que eu tinha estudado como uma especialista em História. A patética rejeição da verdade pela humanidade, sua incessante competição vã para ser especial e sua negligência do propósito de sua própria existência, tudo exposto em poucas palavras. Estados-nações, nacionalidades, culturas, línguas – todos se sentindo superiores quando, de fato, todas essas identidades mascaram a única realidade que nós devemos ficar felizes em compartilhar – servir a um mestre, O ÚNICO Que criou tudo e Que é dono de tudo.

## ***Eu Continuo a Amar Jesus e Maria***

Quando criança eu costumava dizer a frase “Virgem Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, Amém,” encontrada na oração “Ave-Maria”. Eu agora vejo o quanto Maria foi difamada pelas falsas afirmações sobre ela ser mãe de Deus. É suficientevê-la como escolhida sobre todas as mulheres para conceber o grande profeta Jesus através do Nascimento Virginal. A minha mãe freqüentemente justificava suas súplicas constantes à Maria explicando que ela também era mãe e entendia os sofrimentos de uma mãe. Seria muito mais útil para a minha mãe e todos os outros contemplar como a pura Maria foi caluniada pelos judeus de seu tempo, acusada de um pecado muito desprezível, o da fornicação. Maria suportou tudo isso, sabendo que ela seria vindicada pelo Todo-Poderoso e que ela receberia forças para suportar todas as calúnias.

Esse reconhecimento da fé de Maria e confiança na misericórdia de Deus permite que se reconheça a sua posição mais exaltada entre as mulheres, e ao mesmo tempo remove a calúnia de chamá-la de mãe de Deus, o que é uma acusação ainda pior do que a dos judeus de seu tempo. Como muçulmano você pode amar Maria e Jesus, mas amar mais a Deus concederá a você o Paraíso, porque são Dele as regras que você deve obedecer. Ele o julgará em um dia no qual ninguém poderá ajudá-lo. Ele criou você, Jesus e sua abençoada mãe Maria, como Ele criou Muhammad. Todos morreram ou morrerão – Deus nunca morre.

Jesus (Isa em árabe) nunca clamou ser Deus. Ao contrário, ele repetidamente se referiu a si próprio como um enviado. Quando eu olho para trás e reflito sobre a confusão que experimentei em minha juventude, vejo que suas raízes residem na alegação da igreja de que Jesus era mais do que ele próprio admitia. Os pais da igreja formularam uma doutrina para inventar o conceito de Trindade. É essa interpretação confusa do Torá e Injil [Evangelho] originais (escrituras dadas a Moisés e Jesus) que está no centro da questão da Trindade.

É suficiente simplesmente afirmar que Jesus foi um profeta, sim, um mensageiro que veio com a palavra Daquele Que o enviou.

Se nós vermos Jesus, que Deus o exalte, em sua perspectiva correta, é fácil então aceitar Muhammad, que Deus o exalte, como seu irmão mais jovem que veio com a mesma missão – chamar todos à adoração do ÚNICO Todo-Poderoso, Que criou tudo e para Quem nós retornaremos. Não é importante debater suas características físicas. Árabe, judeu, caucasiano, olhos azuis ou castanhos, cabelos longos ou curtos - tudo é completamente

irrelevante em comparação à sua importância como portadores da mensagem. Toda vez que eu penso em Jesus agora, após conhecer o Islã, eu sinto aquela conexão que se sente em uma família feliz – uma família de crentes. Você vê Jesus como um “muçulmano”, alguém que se submeteu ao seu Senhor.

O primeiro dos “Dez Mandamentos” declara:

1. Eu sou o Senhor teu Deus, não terás outros deuses além de mim.
2. Tu não tomarás o nome do Senhor teu deus em vão.

Qualquer um que conheça o significado correto de “la ilaha ill-Allah” (não existe deus exceto Deus) imediatamente reconhecerá a semelhança nesse testemunho. Então nós podemos realmente unir a estória real de todos os profetas e por um fim às distorções.

“E eles dizem que o Misericordioso tomou para Si um filho. De fato fizeste algo terrível. Por causa disso os céus quase se despedaçam, e a terra se fende, e as montanhas caem em ruínas.” (Alcorão 19:88-90)

## ***Minha Jornada ao Islã***

Eu levei três anos completos de minha busca e estudo do Alcorão antes de estar pronta para proclamar que eu queria ser uma muçulmana. Claro que eu temia as mudanças na vestimenta e hábitos, como namorar e beber, com os quais eu tinha me acostumado. A música e a dança eram uma grande parte de minha vida, e biquínis e mini-saias eram o meu caminho para a fama.

Todo esse tempo eu não tive chance de encontrar quaisquer muçulmanos, já que não havia nenhum em minha área exceto uns poucos imigrantes que falavam inglês muito mal na única mesquita no estado na época, a uma hora de viagem. Quando eu ia à Oração de Sexta-Feira para tentar e checar o que eu estava considerando, eu recebia olhares furtivos e talvez fosse considerada uma espiã como era o caso, e ainda é, na maioria das reuniões islâmicas. Não havia um único muçulmano americano disponível para me ajudar e, como eu disse, toda a população imigrante era muito fria, para dizer o mínimo.

No meio dessa fase da minha vida o meu pai morreu de câncer. Eu estava ao lado do seu leito e literalmente testemunhei o anjo da morte remover sua alma. Ele foi tomado pelo temor enquanto lágrimas rolavam pelo seu rosto. Uma vida de luxo, iates, clubes de campo, carros caros...para ele e minha mãe, tudo resultante de juros, e agora estava tudo acabado.

Eu senti um desejo repentino de entrar no Islã rapidamente, enquanto havia tempo, mudar meu estilo de vida e não continuar seguindo cegamente o que eu tinha sido educada para acreditar que era uma boa vida. Pouco depois eu vim para o Egito, e me envolvi em uma longa e lenta jornada através do milagre da língua árabe e a descoberta da verdade clara – Deus é Um, o Eterno; Aquele que nunca nasceu ou deu à luz e nada é comparável a Ele.

É a igualdade resultante entre os humanos que também me atraiu muito para a religião. O Profeta Muhammad, que Deus o exalte, disse que as pessoas são como dentes de um pente – todas iguais, as melhores sendo as mais virtuosas. No Alcorão, nos é dito que

os melhores são os mais piedosos. Piedade envolve amor e temênci a Deus somente. Entretanto, antes de você poder ser realmente piedoso, deve aprender quem é Deus. E conhecê-Lo é amá-Lo. Eu comecei a aprender árabe para ler a palavra de Allah em árabe, como ela foi revelada.

Aprender o Alcorão mudou cada faceta da minha vida. Eu não desejava mais ter quaisquer luxos terrenos; nem carros, nem roupas, nem viagens podem me atrair para aquela rede de desejos vãos na qual eu estava presa antes. Eu desfruto da vida boa de uma crente; mas como eles dizem...não está mais embutida no coração... apenas no que está a mão. Eu não temo a perda de meus antigos amigos ou parentes – se Deus escolher aproximá-los, então que seja, mas eu sei que Deus me concede exatamente o que eu preciso, nem mais, nem menos. Eu não me sinto mais ansiosa ou triste, nem me arrependo do que se passou comigo, porque eu estou segura sob a proteção de Deus – O ÚNICO que eu sempre conheci mas não sabia Seu nome.

## ***Uma Oração Pela América***

Eu oro a Deus Todo-Poderoso que permita a cada americano a oportunidade de receber a mensagem da Unicidade de Deus em uma forma simples e direta...Os americanos são, em sua maioria, extremamente mal informados em relação à teologia islâmica correta. A ênfase é quase sempre na política, que foca nos atos dos homens. É hora de nos concentrarmos nos atos dos profetas que vieram para nos tirar das trevas e nos levar até a luz. Não há dúvida que as trevas prevalecem na doença que afeta a América agora. A luz da verdade nos servirá a todos, e independentemente

se alguém escolhe ou não seguir o caminho do Islã, não há dúvida de que bloqueá-lo ou ocultá-lo de outros certamente levará a mais miséria. Eu me preocupo muito com o futuro saudável do meu país, e eu estou muito certa de que aprender mais sobre o Islã aumentará as chances de minhas esperanças serem alcançadas.

## Natassia M. Kelly, Ex-Cristã, EUA

**E**u cresci para acreditar em Deus desde a infância. Eu comparecia à igreja praticamente todo domingo, ia à escola bíblica e cantava no coral. Ainda assim a religião nunca foi uma parte importante da minha vida.

Havia vezes em que eu me considerava próxima de Deus. Eu orava com freqüência para Ele pedindo orientação e força em tempos de desespero ou para a obtenção de um desejo. Mas eu logo percebia que esse sentimento de proximidade se evaporava quando eu não estava mais pedindo a Deus alguma coisa. Eu percebi que mesmo acreditando, eu carecia de fé.

Eu percebia o mundo como um jogo ao qual Deus se dava ao luxo de tempos em tempos. Ele inspirou pessoas a escrever a Bíblia e de alguma forma as pessoas foram capazes de encontrar a fé dentro dessa Bíblia.

A medida que eu crescia e me tornava mais consciente do mundo, eu acreditava mais em Deus. Eu acreditava que tinha que haver um Deus para colocar alguma ordem no mundo caótico. Se não existisse Deus, eu acreditava que o mundo teria terminado em profunda anarquia milhares de anos antes. Foi um conforto para mim acreditar que havia uma força sobrenatural guiando e protegendo o homem.

As crianças geralmente adotam a religião de seus pais. Eu não era diferente. Na idade de 12 anos, eu comecei a me aprofundar em minha espiritualidade. Eu percebi que havia um vácuo em minha vida onde a fé devia estar. Toda vez que eu estava em necessidade ou desespero, eu simplesmente orava para alguém chamado Senhor. Mas quem era realmente esse Senhor? Uma vez eu perguntei à minha mãe para quem orar, Jesus ou Deus. Acreditando que minha mãe estava certa, eu orei para Jesus e a ele eu atribuía todas as coisas boas.

Eu tinha ouvido que a religião não pode ser questionada. Meus amigos e eu tentamos fazer isso muitas vezes. Eu tinha debates freqüentes com meus amigos sobre Protestantismo, Catolicismo e Judaísmo. Através desses debates eu buscava mais e mais dentro de mim mesma e decidi que devia fazer algo sobre o meu vazio. E assim na idade de 13 anos, eu comecei minha busca pela verdade.

A humanidade está sempre em constante busca pelo conhecimento ou pela verdade. A minha busca pela verdade não podia ser considerada como uma busca ativa de conhecimento. Eu continuava a ter debates, e a ler mais a Bíblia, mas não ia além disso. Durante esse período de tempo, minha mãe notou o meu comportamento e a partir daí eu entrei em uma “fase religiosa.” O meu comportamento estava longe de ser uma fase. Eu simplesmente compartilhava o meu conhecimento recém-adquirido com minha família. Eu aprendi sobre as crenças, práticas e doutrinas dentro do Cristianismo e o mínimo sobre as crenças e práticas dentro do Judaísmo.

Após uns poucos meses em minha busca, eu percebi que se eu acreditava no Cristianismo eu tinha que me considerar condenada ao Inferno. Sem nem mesmo considerar os erros do meu passado, eu estava em “uma estrada para o Inferno” como os ministros sulistas costumam dizer. Eu não podia acreditar em todos os ensinamentos do Cristianismo. Entretanto, eu tentei.

Eu consigo me lembrar de muitas vezes estar na igreja e lutar comigo mesma durante o Chamado ao Discipulado. Era dito que ao simplesmente confessar que Jesus era meu Senhor e Salvador, eu teria garantida a vida eterna no Paraíso. Eu nunca fui até às mãos estendidas do pastor e a minha relutância até aumentava os meus temores de ir para o Inferno. Durante esse período eu estava desconfortável. Eu freqüentemente tinha pesadelos alarmantes, e me sentia muito sozinha no mundo.

Mas não apenas eu carecia de fé, mas também tinha muitas questões que apresentei a todo cristão bem informado que encontrava e nunca recebi uma resposta realmente satisfatória. Simplesmente me diziam coisas que me confundiam ainda mais. Eu estava tentando colocar lógica em Deus e se eu tivesse fé eu podia simplesmente acreditar e ir para o Paraíso, me disseram. Bem, este era o problema: eu não tinha fé. Eu não acreditava.

Eu não acreditava realmente em coisa alguma. Eu acreditava que existia um Deus e que Jesus era seu filho enviado para salvar a humanidade. Era isso. As minhas perguntas e questionamento, entretanto, excediam minhas crenças.

As perguntas continuavam. A minha perplexidade aumentava. A minha incerteza aumentava. Por quinze anos eu tinha seguido cegamente uma fé simplesmente porque era a fé dos meus pais.

Algo aconteceu em minha vida que a pouca fé que eu tinha decresceu ao ponto de quase nada. A minha busca cessou. Eu não buscava mais dentro de mim mesma, da Bíblia ou igreja. Eu desisti por um tempo. Eu era uma pessoa muito amarga até o dia em que uma amiga me deu um livro. Era chamado “Diálogo Cristão-Muçulmano.”

Eu peguei o livro e li. Eu estou envergonhada em dizer que durante a minha busca eu nunca tinha considerado outra religião. O Cristianismo era tudo que eu conhecia e eu nunca pensei em deixá-lo. O meu conhecimento do Islã era muito pouco. De fato, era principalmente cheio de conceitos equivocados e estereótipos. O livro me surpreendeu. Eu descobri que não era a única que acreditava que só existia um Deus. Eu pedi mais livros. Eu os recebi e também alguns panfletos.

Eu aprendi sobre o Islã a partir do aspecto intelectual. Eu tinha uma amiga próxima que era muçulmana e eu freqüentemente lhe fazia perguntas sobre as práticas. Eu nunca considerei o Islã como minha fé uma única vez. Muitas coisas sobre o Islã me alienavam.

Após uns dois meses de leitura, o mês de Ramadã começou. Toda sexta-feira eu podia me unir à comunidade da mesquita local para a quebra do jejum e a recitação do Alcorão. Eu colocava perguntas que me ocorressem para as meninas muçulmanas. Eu estava admirada em ver como alguém podia ter tanta certeza no

que acreditava e seguia. Eu me senti atraída para a religião que me alienava.

Tendo acreditado por tanto tempo que eu estava sozinha, o Islã me confortou de várias formas. O Islã foi trazido como um lembrete para o mundo. Foi trazido para levar as pessoas de volta ao caminho certo.

As crenças não eram a única coisa importante para mim. Eu queria disciplina para orientar a minha vida. Eu não queria apenas acreditar que alguém era meu salvador e através disso ter um passaporte para o Paraíso. Eu queria saber como agir para receber a aprovação de Deus. Eu queria uma proximidade com Deus. Eu queria ser consciente de Deus. E acima de tudo eu queria uma chance para entrar no paraíso. Eu comecei a sentir que o Cristianismo não me dava isso, mas o Islã sim.

Eu continuei a aprender mais. Eu fui às celebrações do Eid (o dia de festa que se segue ao jejum de Ramadã e ao ritual do Hajj) e aulas semanais na sexta-feira com minhas amigas.

Através da religião se recebe paz de espírito. Uma tranqüilidade. Esses sentimentos foram e vieram por uns três anos. Durante os tempos em que eles desapareciam eu ficava mais suscetível às tentações de Satanás. No início de fevereiro de 1997 eu cheguei à conclusão de que o Islã era verdadeiro e correto. Entretanto, eu não queria tomar decisões apressadas. Eu decidi esperar.

Dentro desse período, as tentações de Satanás aumentaram. Eu me lembro de dois sonhos nos quais ele era uma presença. Satanás estava me chamando. Depois de acordar desses pesadelos

eu encontrava conforto no Islã. Eu me peguei repetindo a Shahadah. Esses sonhos quase me fizeram mudar de idéia. Eu os confiei à minha amiga muçulmana. Ela sugeriu que talvez Satanás estivesse lá para me afastar da verdade. Eu nunca tinha pensado dessa forma.

Em 19 de março de 1997, após retornar de minha aula semanal, eu recitei a Shahadah para mim mesma. Então, em 26 de março, eu a recitei diante de testemunhas e me tornei oficialmente muçulmana.

Eu não consigo expressar a alegria que eu senti. Eu não consigo expressar o peso que foi tirado dos meus ombros. Eu tinha finalmente alcançado paz de espírito.

Já se passaram quinze meses desde que eu recitei a Shahadah. O Islã me fez uma pessoa melhor. Eu sou mais forte agora e comprehendo mais as coisas. A minha vida mudou significativamente. Agora eu tenho propósito. O meu propósito é provar que eu mereço vida eterna no Paraíso. Eu tenho o que eu tanto busquei. A religião é uma parte de mim todo o tempo. Eu me empenho todos os dias para me tornar a melhor muçulmana que puder ser.

As pessoas se surpreendem como uma menina de quinze anos pode tomar uma decisão tão importante na vida. Eu sou grata por Deus ter me abençoado com minha predisposição de modo a ser capaz de encontrar a religião tão jovem.

É difícil se esforçar para ser uma boa muçulmana em uma sociedade dominada pelo Cristianismo. Vivendo com uma família

cristã é ainda mais difícil. Entretanto, eu não me permito ser desencorajada. Eu não desejo ficar estagnada em minha presente situação, mas eu acredito que o meu jihad está simplesmente me fortalecendo. Alguém me disse uma vez que eu sou melhor que algumas pessoas que nasceram no Islã, que para isso eu tive que encontrar, experimentar e perceber a grandeza e a misericórdia de Deus. Eu adquiri a compreensão de que setenta anos de vida na terra não é nada, comparado à vida eterna no Paraíso.

Eu devo admitir que me falta a capacidade de expressar a grandeza, misericórdia e glória de Deus. Eu espero que o meu relato ajude outros que possam se sentir da forma que eu me sentia ou se debatam da forma como eu me debatia.

## Angel, ex-cristã, EUA

*T*

odo muçulmano tem uma história sobre sua jornada ao Islã. Cada uma é interessante e curiosa para mim. Deus verdadeiramente guia quem Ele quer e somente quem Ele quer. Eu me sinto abençoada por ter sido um dos escolhidos. Esta é minha história.

Eu sempre acreditei em um Deus. A minha vida inteira quando estava em dificuldades, eu pedia a Deus que me ajudasse mesmo quando criança. Eu me lembro de chorar de joelhos na cozinha, gritando e chorando muito. Orava para que Deus fizesse aquilo parar. A religião, por outro lado, nunca fez sentido para mim. Quanto mais velha eu ficava, menos sentido ela fazia para mim. Pessoas pensando que eram negociadores entre você e Deus.

Eu sentia o mesmo sobre Jesus [que Deus o louve]. Como esse homem nos salvaria de nossos pecados? Como temos o direito de pecar só por causa dele? Recusei a Bíblia em todas as suas versões, acreditando que algo traduzido e reescrito tantas vezes não podia ser as palavras reais de Deus. Por volta dos quinze anos eu tinha desistido da idéia de encontrar Deus.

Enquanto crescia, minha família era a família americana média. Todos que eu conhecia tinham problemas semelhantes. Meu pai era um trabalhador braçal alcoólatra. Com o passar do tempo sua condição piorou e, na mesma proporção, a sua perversão. Abuso físico, sexual e medo deixaram uma marca em minha infância que

## *Histórias de Novos Muçulmanos*

---

se refletiria pelo resto de minha vida. Ele morreu quando eu estava na sexta série. Os meus pais já tinham se divorciado. Eu era a mais nova de oito filhos. Minha mãe trabalhava para nos sustentar e eu ficava muito tempo sozinha em casa.

Aqui estava eu, uma daquelas crianças que dependem a sociedade, que assustam as pessoas quando entram em um ambiente. Comecei a usar roupas pretas e maquiagem escura. Ouvia música gótica e fantasiava sobre a morte. A morte parecia cada vez menos algo a temer e cada vez mais uma solução para esse problema crescente. Eu me sentia sozinha o tempo todo, mesmo com os amigos. Tentei preencher o vazio com cigarros, então com álcool, sexo, drogas e então qualquer coisa que me tirasse de meus próprios pensamentos. Tentei me matar pelo menos quinze vezes. Não importava o que eu tentasse, essa dor dentro de mim jamais parecia ceder.

Estava na universidade quando fiquei grávida do meu filho. Temia pela saúde do meu filho e não podia nem imaginar abrir mão dele. Trabalhei muito para sustentar o meu filho. Sufocando toda a dor e raiva no meu coração, mudei um pouco minha vida. Por essa época, eu não confiava em ninguém. Três anos depois comecei a namorar outra vez. Fiquei noiva. Eu verdadeiramente queria ter algo mais. Com todas as minhas experiências passadas, meu mundo estava desmoronando. Estava com 25 anos e grávida de minha filha e terminei o relacionamento com meu noivo depois de ele repetidamente me trair e me ferir fisicamente. Não tinha idéia do que estava por vir.

Durante esse tempo eu trabalhava para um rapaz paquistanês que era muçulmano. Eu nunca assistia aos telejornais ou me importava realmente com o que estava acontecendo. Ser muçulmano para mim não era diferente do que qualquer outra religião. Com o passar do tempo fiz amizade com vários homens muçulmanos. Comecei a notar algo dramaticamente diferente. Eles tinham essas morais inquestionáveis. Uma devoção a Deus de uma forma que exigia que orassem cinco vezes ao dia. Sem falar no fato de nunca beberem ou usarem drogas. Para a minha geração essa era uma moral da antiga. Talvez seus avós a tenham seguido.

Quando minha filha nasceu vocês não podem imaginar minha surpresa quando um desses rapazes apareceu e trouxe presentes. Fiquei chocada e com cara de estúpida quando ele a segurou e falou com ela. Eu nunca tinha visto homens se comportarem dessa forma com um bebê. A gentileza aumentou com o tempo nos quatro meses que se seguiram. Não posso expressar o amor que nos era mostrado. Lentamente meu interesse em sua religião cresceu. Estava curiosa sobre que tipo de religião poderia infundir esses tipos de valores nas pessoas.

Eu dividia uma casa com sete pessoas quando uma noite decidi usar emprestado o computador da minha colega de quarto. Tinha muito medo de ofender meus amigos fazendo perguntas, então me voltei para a internet. O primeiro site que abri foi <http://www.islam-brief-guide.org>. Fiquei emudecida. Era como se um tecido negro tivesse sido tirado de meu corpo e juro a você que nunca tinha me sentido tão perto de Deus. Em vinte e quatro horas fiz minha Shahadah.

Até hoje a maior parte do meu tempo é gasta em pesquisa. Pela primeira vez em minha vida algo parou a raiva e a dor. Eu verdadeiramente senti o amor e temor a Deus. Deus substituiu a dor dentro de mim com Sua luz e fé Nele. Desde minha conversão, Deus tem verdadeiramente me abençoado. Deus me deu forças para parar de fumar, beber e não tenho usado drogas por quase dois anos. Sou casada com um homem muçulmano maravilhoso. Ele pegou minhas crianças e as fez nossas. Tenho algo que sempre quis – uma família, [todos os louvores são para Deus].

# Aminah Assilmi, ex-cristã, EUA

**A**stava concluindo minha certificação em Recreação quando encontrei os primeiros muçulmanos. Foi o primeiro ano no qual fomos capazes de nos pré-registrarmos por computador. Eu me pré-registrei e fui para Oklahoma cuidar de alguns negócios da família. Os negócios levaram mais tempo do que o esperado e então retornei para a universidade duas semanas após o início das aulas do semestre (muito tarde para desistir do curso).

Eu não estava preocupada em acompanhar os trabalhos perdidos. Era a melhor da turma no meu ramo. Mesmo como estudante recebia prêmios em competições com profissionais.

Você precisa entender que embora estivesse na universidade e me sobressaísse, tivesse meu próprio negócio e muitos amigos próximos, eu era extremamente tímida. Minhas anotações fizeram com que eu fosse classificada como extremamente reticente. Era lenta para fazer amizades e raramente falava com alguém a menos que fosse forçada a fazê-lo, ou que já fosse um conhecido. As aulas das quais participava tinham a ver com administração e planejamento da cidade, além de programação para crianças. As crianças eram as únicas pessoas com quem me sentia confortável.

De volta à história. A listagem do computador continha uma enorme surpresa para mim. Fui registrada para uma aula de

teatro...uma aula onde deveria atuar na frente de pessoas reais. Estava horrorizada! Não conseguia nem fazer uma pergunta na aula, como iria entrar em um palco na frente de pessoas? Meu marido era, como sempre, muito sensível e calmo. Ele sugeriu que eu falasse com o professor, explicasse o problema e combinasse de pintar cenários ou costurar o figurino. O professor concordou em tentar e encontrar uma saída para me ajudar. Então, fui para a aula na terça-feira seguinte.

Quando entrei na sala de aula, tive meu segundo choque. Ela estava cheia de 'árabes' e 'jóqueis de camelos.' Bem, eu nunca tinha visto um, mas tinha ouvido falar deles.

De jeito algum eu sentaria em uma sala cheia de pagões sujos! Afinal, você pode pegar alguma doença terrível dessa gente. Todos sabiam que eram sujos, e não eram confiáveis também. Fechei a porta e fui para casa. (Tem uma pequena coisa que você precisa saber. Eu estava com calças muito justas de couro, um top e um copo de vinho em minhas mãos...mas *eles* eram os maus em minha mente.)

Quando eu disse ao meu marido sobre os árabes na aula, e de que não havia jeito de eu voltar, ele respondeu em sua calma usual. Lembrou que eu sempre dizia que Deus tinha uma razão para tudo e talvez eu devesse passar algum tempo pensando sobre isso antes de tomar minha decisão final. Ele também me lembrou que eu tinha uma bolsa que pagava meus estudos e se quisesse mantê-la, teria que manter meu coeficiente de rendimento. Três créditos de 'F' destruiriam minhas chances.

Pelos próximos dois dias eu orei por orientação. Na quinta voltei para a aula convencida de que Deus tinha me colocado lá para salvar aqueles pagãos ignorantes do fogo do inferno.

Expliquei a eles como queimariam no fogo do inferno por toda a eternidade se não aceitassem Jesus como seu salvador. Foram muito educados, mas não se converteram. Então expliquei como Jesus os amava e havia morrido na cruz para salvá-los de seus pecados. Tudo que tinham a fazer era aceitá-lo em seus corações. Foram muito educados, mas ainda assim não se converteram. Então decidi ler seu próprio livro para mostrar a eles que o Islã era uma religião falsa e Muhammad era um falso Deus.

Um dos alunos me deu uma cópia do Alcorão e outro livro sobre o Islã, e continuei com minha pesquisa. Estava certa de que encontraria a evidência da qual precisava muito rapidamente. Bem, li o Alcorão e o outro livro. Então li outros 15 livros, o Sahih Muslim e retornei ao Alcorão. Estava determinada a convertê-los! Meus estudos continuaram por um ano e meio.

Durante esse tempo comecei a ter alguns problemas com o meu marido. Eu estava mudando, apenas em coisas pequenas, mas o suficiente para incomodá-lo. Nós costumávamos ir ao bar às sextas-feiras e aos sábados, ou a uma festa, e eu não queria mais ir. Estava mais quieta e distante. Ele estava certo de que eu estava tendo um caso e então me deixou. Eu me mudei para um apartamento com meus filhos e continuei meus esforços determinados para converter os muçulmanos ao Cristianismo.

Então, um dia, bateram em minha porta. Abri a porta e vi um homem com uma longa túnica branca com uma toalha de mesa

quadriculada vermelha e branca em sua cabeça. Ele estava acompanhado de três homens de pijamas. (Era a primeira vez que os via em sua vestimenta cultural). Bem, eu estava mais do que ofendida pelos homens que apareceram em minha porta com roupas de dormir. Que tipo de mulher eles pensavam que eu era? Eles não tinham orgulho ou dignidade? Imaginem meu choque quando o que usava a toalha de mesa disse que entendeu que eu queria ser muçulmana! Eu rapidamente o informei de que não queria ser muçulmana. Eu era cristã. Entretanto, eu tinha algumas perguntas. Se ele estivesse com tempo...

Seu nome era Abdulaziz Alshaikh e ele arranjou tempo. Era muito paciente e discutiu cada pergunta comigo. Nunca fez com que eu me sentisse tola ou que uma pergunta fosse estúpida. Perguntou se eu acreditava que só existia um Deus e eu disse sim. Então ele perguntou se eu acreditava que Muhammad, que a misericórdia e as bênçãos de Deus estejam sobre ele, era Seu Mensageiro. De novo, eu disse sim. Ele me disse que eu já era uma muçulmana!

Argumentei que era cristã e só estava tentando entender o Islã. (Eu pensava: eu não posso ser muçulmana! Sou americana e branca! O que meu marido diria? Se eu for muçulmana, terei que divorciar meu marido. Minha família morreria!)

Nós continuamos falando. Mais tarde ele explicou que obter conhecimento e entendimento da espiritualidade era como subir uma escada. Se ao subir uma escada você tentar pular alguns degraus, existe o perigo de cair. A Shahadah era apenas o

primeiro degrau na escada. Mas nós tivemos que conversar um pouco mais.

Posteriormente naquela tarde, 21 de maio de 1977, no horário da oração de Asr, eu fiz minha Shahadah. Entretanto, havia algumas coisas que eu não podia aceitar e como era minha natureza ser totalmente verdadeira, fiz uma ressalva. Eu disse: "Eu testemunho que não há outra divindade exceto Deus e que Muhammad é Seu Mensageiro", 'mas eu nunca cobrirei meu cabelo e se meu marido se casar com outra esposa, eu o castrarei.'

Eu ouvi suspiros dos outros homens na sala, mas Abdulaziz os silenciou. Mais tarde fiquei sabendo que ele disse aos irmãos para nunca discutirem esses dois assuntos comigo. Ele tinha certeza de que eu chegaria ao entendimento correto.

A Shahadah foi de fato um passo sólido na escada para o conhecimento espiritual e proximidade com Deus. Mas tinha sido uma subida lenta. Abdulaziz continuou a me visitar e a responder minhas perguntas. Que Deus o recompense por sua paciência e tolerância. Ele nunca me repreendeu ou agiu como se uma pergunta fosse estúpida ou imbecil. Ele tratou cada pergunta com dignidade e me disse que a única pergunta estúpida era a que nunca havia sido feita. Hummm... como minha avó costumava dizer.

Ele explicou que Deus nos disse para buscar conhecimento, e perguntas eram uma das formas de fazê-lo. Quando ele explicava algo, era como olhar uma rosa se abrir, pétala por pétala, até que alcançasse sua glória plena. Quando eu dizia a ele que não concordava com algo e por que, ele sempre dizia que eu estava

correta até certo ponto. Então me mostrava como analisar de forma mais profunda e de diferentes direções para alcançar um entendimento mais completo. Alhamdulillah [Para Deus são todos os louvores]!

Ao longo dos anos eu tive muitos professores. Cada um especial, cada um diferente. Sou grata a cada um deles pelo conhecimento que me deram. Cada professor me ajudou a crescer e a amar mais o Islã. À medida que meu conhecimento aumentava, as mudanças se tornavam mais aparentes. Dentro do primeiro ano, eu estava usando hijab. Não tenho idéia de quando comecei. Veio naturalmente, com o aumento do conhecimento e entendimento. Depois de certo tempo, até me tornei uma proponente da poligamia. Eu sabia que se Deus a tinha permitido, devia haver algo bom nela.

“Glorifica o nome do teu Senhor, o Altíssimo, Que criou e aperfeiçou tudo; Que tudo predestinou e encaminhou; E que faz brotar o pasto, Que se converte em feno. Ensinar- te-emos a recitar (a Mensagem), para que não esqueças, Senão o que Deus permitir, porque Ele bem conhece o que está manifesto e o que é secreto. E te encaminharemos pela (senda) mais simples.” (Alcorão 87:1-8)

Quando comecei a estudar o Islã eu não esperava encontrar algo que precisasse ou quisesse em minha vida pessoal. Não imaginava que o Islã mudaria minha vida. Nenhum humano poderia me convencer de que finalmente eu estaria em paz e transbordando de amor e alegria por causa do Islã.

Esse livro falava do DEUS ÚNICO, O CRIADOR DO UNIVERSO. Descrevia a bela forma na qual Ele havia organizado o mundo. Esse maravilhoso Alcorão tinha todas as respostas. Deus é O Amoroso! Deus é a Fonte de Paz! Deus é O Protetor! Deus é O Perdoador! Deus é O Provedor! Deus é O Mantenedor! Deus é O Generoso! Deus é O Responsivo! Deus é O Amigo Protetor! Deus é O Que Expande!

“Acaso, não confortamos o teu peito? E aliviamos o teu fardo que feria as tuas costas? E enalteceremos a tua reputação? Em verdade, com a adversidade está a facilidade! Em verdade, com a adversidade está a facilidade!” (Alcorão 94:1-6)

O Alcorão abordou todas as questões da existência e mostrou um caminho claro para o sucesso. Era como um mapa generoso, um manual do proprietário para a vida!

## **Como o Islã mudou a minha Vida**

“O quanto amamos a luz... Se antes vivíamos em Trevas.”

Quando abracei o Islã eu realmente não pensei que fosse afetar muito a minha vida. O Islã não apenas afetou minha vida. Ele a mudou totalmente.

Vida familiar: meu marido e eu nos amávamos profundamente. Aquele amor mútuo continua a existir. Ainda assim, quando eu comecei a estudar o Islã nós começamos a ter algumas dificuldades. Ele me viu mudando e não entendeu o que estava acontecendo. Nem eu. Mas nem eu percebi que estava mudando. Ele decidiu que a única coisa que poderia me fazer mudar era

outro homem. Não havia meio de fazê-lo entender o que estava me modificando porque eu não sabia.

Ter percebido que era muçulmana não ajudou a situação. Afinal... a única razão para uma mulher mudar algo tão fundamental quanto sua religião era outro homem. Ele não podia encontrar evidência desse outro homem... mas ele tinha que existir. Nós acabamos em um terrível divórcio. A justiça determinou que a religião não convencional seria prejudicial para o desenvolvimento de meus filhos. Então eles foram retirados de minha custódia.

Durante o divórcio, houve um momento no qual me disseram que eu tinha uma escolha. Eu podia renunciar a essa religião e viver com meus filhos, ou renunciar aos meus filhos e viver com minha religião. Eu estava em choque. Para mim essa não era uma escolha possível. Se eu renunciasse ao meu Islã... eu estaria ensinando aos meus filhos como enganar, porque não havia meio de negar o que estava em meu coração. Eu não podia negar Deus, nem naquele momento e nem nunca. Eu orei como nunca orei antes. Depois de trinta minutos eu sabia que não havia lugar mais seguro para meus filhos do que nas mãos de Deus. Se eu O renegasse, não haveria meio de no futuro mostrar aos meus filhos as maravilhas de estar com Deus. Foi dito à justiça que eu deixaria meus filhos nas mãos de Deus. Não era uma rejeição dos meus filhos!

Eu os deixei saber que a vida sem meus bebês seria muito difícil. Meu coração sangrava, embora eu soubesse, no íntimo, que tinha feito a coisa certa. Encontrei consolo na ayat-ul-Kursi.

“Deus! Não há mais divindade além d’Ele, Vivente, Subsistente. A Quem jamais alcança a inatividade ou o sono; d’Ele é tudo quanto existe nos céus e na terra. Quem poderá interceder junto a Ele, sem a Sua anuênciia? Ele conhece tanto o passado como o futuro, e eles (humanos) nada conhecem a Sua ciência, senão o que Ele permite. O Seu Trono abrange os céus e a terra, cuja preservação não O abate, porque é o Ingente, o Altíssimo.” (Alcorão 2:255)

Isso também me levou a olhar para todos os atributos de Deus e descobrir a beleza de cada um.

A custódia dos filhos e o divórcio não eram os únicos problemas que eu tinha que enfrentar. O resto da minha família também não aceitava minha escolha. A maior parte da minha família se recusou a ter qualquer coisa a ver comigo. Minha mãe acreditava que era só uma fase e que eu sairia disso. Minha irmã, a 'especialista em saúde mental', estava certa de que eu simplesmente havia perdido a cabeça e devia ser institucionalizada. Meu pai acreditava que eu devia ser morta antes que eu me colocasse ainda mais fundo no Inferno. De repente me vi sem marido e sem família. O que viria depois?

Amigos: a maioria dos meus amigos se afastou durante o primeiro ano. Eu já não era mais engraçada. Não queria ir a festas ou bares. Não estava interessada em arranjar um namorado. Tudo que eu fazia era ler aquele livro 'estúpido' (o Alcorão) e falar sobre o Islã. Que tédio. Eu ainda não tinha conhecimento suficiente para ajudá-los a entender por que o Islã era tão belo.

Emprego: meu emprego foi o próximo da lista. Embora eu tivesse ganhado todos os prêmios em minha área e fosse reconhecida como uma séria criadora de tendências e como alguém capaz de fazer dinheiro, no dia em que coloquei o hijab foi o fim do meu emprego. Agora eu estava sem família, sem amigos e sem emprego.

Em tudo isso a primeira luz foi minha avó. Ela aprovou a minha escolha e se juntou a mim. Que surpresa! Eu sempre soube que ela tinha muita sabedoria, mas isso! Ela morreu logo depois. Quando eu paro para pensar sobre isso quase fico com inveja. No dia em que ela pronunciou sua Shahadah todos os seus erros foram apagados, enquanto seus bons atos foram preservados. Ela morreu logo depois de aceitar o Islã e eu sabia que o 'LIVRO' dela seria pesado em coisas boas. Isso me enche de alegria!

À medida que meu conhecimento aumentou e fui capaz de responder perguntas, muitas coisas mudaram. Mas foram as mudanças em mim como pessoa que tiveram o maior impacto. Poucos anos depois de eu ter tornado público o meu Islã, minha mãe me chamou e disse que ela não sabia o que era essa 'coisa de Islã', mas esperava que eu continuasse com ele. Ela gostava do que ele estava fazendo por mim. Poucos anos depois ela me chamou novamente e perguntou o que uma pessoa tinha que fazer para ser muçulmana. Eu disse a ela que tudo que uma pessoa tinha que saber era que só existia UM Deus, e que Muhammad era Seu Mensageiro. Sua resposta foi: "Qualquer tolo sabe disso. Mas o que eu tenho que fazer?" Eu repeti a mesma informação e ela disse: "Bem...OK. Mas não vamos falar sobre isso ao seu pai ainda."

Elá não sabia que ele tinha passado pela mesma conversa poucas semanas antes. Meu verdadeiro pai (aquele que achava que eu devia ser morta) tinha feito o mesmo quase dois meses antes. Então, minha irmã, a entendida em saúde mental, me disse que eu era a pessoa mais 'liberada' que ela conhecia. Vindo dela foi o maior elogio que eu podia ter recebido.

Ao invés de tentar contar como cada pessoa aceitou o Islã, deixem-me simplesmente dizer que cada vez mais membros da minha família continuam a encontrar o Islã a cada ano. Eu fiquei especialmente feliz quando um caro amigo, irmão Qaiser Imam, me disse que meu ex-marido fez a Shahadah. Quando irmão Qaiser perguntou a ele o porquê, ele disse que era porque ele tinha me observado por 16 anos e queria que sua filha tivesse o que eu tinha. Ele veio e me pediu para perdoá-lo por tudo que fez. Eu o havia perdoado muito antes disso.

Agora meu filho mais velho, Whitney, telefonou, enquanto eu estava escrevendo esse livro, e anunciou que também quer se tornar muçulmano. Ele planeja fazer sua Shahadah na Convenção do ISNA em algumas semanas. Por enquanto, ele está aprendendo o máximo que pode. Deus é Misericordiosíssimo.

Ao longo dos anos fiquei conhecida por minhas palestras sobre o Islã, e muitos ouvintes escolheram ser muçulmanos. Minha paz interior continuou a crescer com meu conhecimento e confiança na Sabedoria de Deus. Eu sei que Deus não é apenas meu Criador, mas meu amigo mais querido. Sei que Deus sempre estará comigo e nunca me rejeitará. Porque cada passo que dou na

direção de Deus, Ele dá 10 na minha direção. Que conhecimento maravilhoso.

De fato, Deus me testou, como foi prometido, e me recompensou além do que eu jamais poderia ter esperado. Poucos anos atrás os médicos me disseram que eu tinha câncer e era terminal. Explicaram que não havia cura, que estava muito avançado, e prosseguiram tentando me ajudar a me preparar para minha morte explicando como a doença progrediria. Eu talvez tivesse mais um ano de vida. Eu estava preocupada com meus filhos, especialmente meu mais novo. Quem cuidaria dele? Ainda assim eu não estava deprimida. Todos morreremos. Eu estava confiante de que a dor que estava experimentando continha Bênçãos.

Eu me lembrei de um bom amigo, Karim Al-Misawi, que morreu de câncer quando ainda estava em seus 20 e poucos anos. Pouco antes de morrer ele me disse que Deus era verdadeiramente Misericordioso. Esse homem estava em agonia inacreditável e radiante com o amor de Deus. Ele disse: “Deus pretende que eu entre no paraíso com um livro limpo.” Sua experiência de morte me deu algo para pensar a respeito. Ele me ensinou o amor e misericórdia de Deus. Isso era algo que ninguém tinha discutido. O amor de Deus!

Não demorou muito para eu começar a me conscientizar de Suas bênçãos. Amigos que me amavam vinham de onde eu não esperava. Eu recebi o presente de fazer o Hajj. E o que era mais importante, aprendi o quanto foi importante para mim compartilhar a Verdade do Islã com todos. Não importa se as pessoas, muçulmanas ou não, concordavam comigo ou até mesmo

se gostavam de mim. A única aprovação que eu precisava era de Deus. O único amor que eu precisava era de Deus. Ainda assim descobri mais e mais pessoas que, sem razão aparente, me amavam. Eu me alegrei porque me lembrei de ter lido que se Deus ama você, Ele faz com que os outros amem você. Eu não valho todo esse amor. Isso significa que deve ser outra dádiva de Deus. Deus é Maior!

Não há meio de explicar completamente como minha vida mudou. Alhamdulillah (Todos os louvores são para Deus)! Eu estou muito feliz por ser muçulmana. O Islã é minha vida. O Islã é a batida do meu coração. O Islã é o sangue que corre em minhas veias. O Islã é minha força. O Islã é minha vida tão maravilhosa e bela. Sem o Islã eu não sou nada e se Deus não voltasse para mim Sua face magníficente, eu não sobreviveria.

“Ó Deus! Permita que meu coração tenha luz, e minha visão tenha luz, e minha audição (sentidos) tenha luz, e me deixe ter luz à minha direita e ter luz à minha esquerda, e me deixe ter luz acima de mim e me deixe ter luz abaixo de mim, e que tenha luz à minha frente, luz atrás de mim e me deixe ter luz.” (Sahih Al-Bukhari)

“Ó meu Senhor! Perdoe meus pecados e minha ignorância e ter ultrapassado os limites (limites da virtude) em todos os meus atos e no que Tu sabes melhor do que eu. Ó Deus! Perdoe meus erros, aqueles feitos intencionalmente ou por conta de minha ignorância, com e sem seriedade, e eu confesso que tais erros foram feitos por mim. Ó Deus! Perdoe meus pecados do passado e do futuro que fiz abertamente ou em segredo. Tu és Quem antecipa e Tu és Quem retarda, e Tu és Onipotente.” (Sahih Al-Bukhari)

# Akifah Baxter, Ex-Cristã, EUA

**O**empre fui consciente da existência de Deus. Sempre senti que Ele estava lá. Às vezes esse sentimento era distante e com freqüência o ignorei. Mas nunca pude negar este conhecimento. Por causa disso, ao longo de minha vida, tenho buscado pela verdade de Seu Plano.

Freqüentei muitas igrejas. Ouvi, orei e conversei com pessoas de todas as crenças. Mas havia sempre algo que não parecia certo; parecia confuso, como se algo estivesse faltando. Muitas pessoas no passado disseram para mim, “Bem, eu acredito em Deus, mas não pertenço a nenhuma religião. Todos pareciam errados para mim.” Esse era exatamente o meu sentimento, entretanto, não queria simplesmente aceitá-lo. Sabia que se Deus existe então Ele não nos deixaria sem direção, ou com uma versão deturpada da verdade. Tinha que haver um plano, uma “religião verdadeira.” Eu só tinha que encontrá-la.

Concentrei minha busca nas várias igrejas cristãs, simplesmente porque foi com o que eu cresci, e parecia haver algumas verdades em alguns de seus ensinamentos. Entretanto, havia muitas opiniões diferentes, muitos ensinamentos conflitantes em coisas básicas como: como orar, para quem orar ou através de quem, quem ia ser “salvo”, e quem não ia, e o que uma pessoa tinha que fazer para ser “salva.” Parecia muito enrolado. Estava perto de

desistir. Tinha acabado de chegar de mais uma igreja cujas opiniões sobre Deus e o propósito de nossa existência me deixaram completamente frustrada, porque eu sabia que o que estavam ensinando não era verdade.

Um dia, estava vagando em uma livraria e fui para a seção religiosa. Enquanto estava lá olhando atentamente o vasto sortimento de livros predominantemente cristãos, ocorreu-me ver se tinham algo sobre o Islã. Eu não sabia virtualmente nada sobre o Islã, e quando peguei o primeiro livro, foi puramente por curiosidade. Mas fiquei excitada com o que estava lendo. Uma das primeiras coisas que me chamou a atenção foi a afirmação ‘Não existe deus exceto Deus,’ Ele não tinha associados, e todas as orações e adorações eram dirigidas somente a Ele. Parecia tão simples, tão poderoso, tão direto, e fez muito sentido. A partir dali comecei a ler tudo que podia sobre o Islã.

Tudo que lia fazia muito sentido para mim. Era como se de repente todas as peças de um quebra-cabeças se encaixassem perfeitamente, e uma imagem clara emergisse. Estava tão excitada que meu coração disparava toda vez que lia algo sobre o Islã. Então, quando li o Alcorão, senti como se fosse verdadeiramente abençoada por ser capaz de lê-lo. Sabia que tinha vindo diretamente de Deus através de Seu Mensageiro [que Deus o louve]. Era isso, a verdade. Senti-me como se todo o tempo tivesse sido muçulmana mas simplesmente não sabia até aquele momento. Agora que começo minha vida como muçulmana, sinto paz e segurança sabendo que o que estou aprendendo é a pura verdade e me aproximará de Deus. Que Deus continue me guiando. Amém.

## **Lista de Livros Gratis em Portugues**

- Um Breve Guia Ilustrado Para Compreender o Islã
- A Mulher no Islam Mito e Realidade
- A Verdadeira Religião de Deus
- Jesus, Um Profeta do Islã
- Muhammad O Mensageiro de Deus
- Maria no Islã
- O Islão é...
- Você Pergunta E O Alcorão Responde
- Party Thirty of the Holly Quran
- O Conceito de Deus no Islã
- Vida Após a Morte
- A Busca por Paz Interior
- Histórias de Novos Muçulmanos

**OBS: Nós esperamos que após o termino da leitura dos livros da CIMS, voce repasse eles adiante para outras pessoas para que assim seja distribuído o benefício em todos os lugares.**